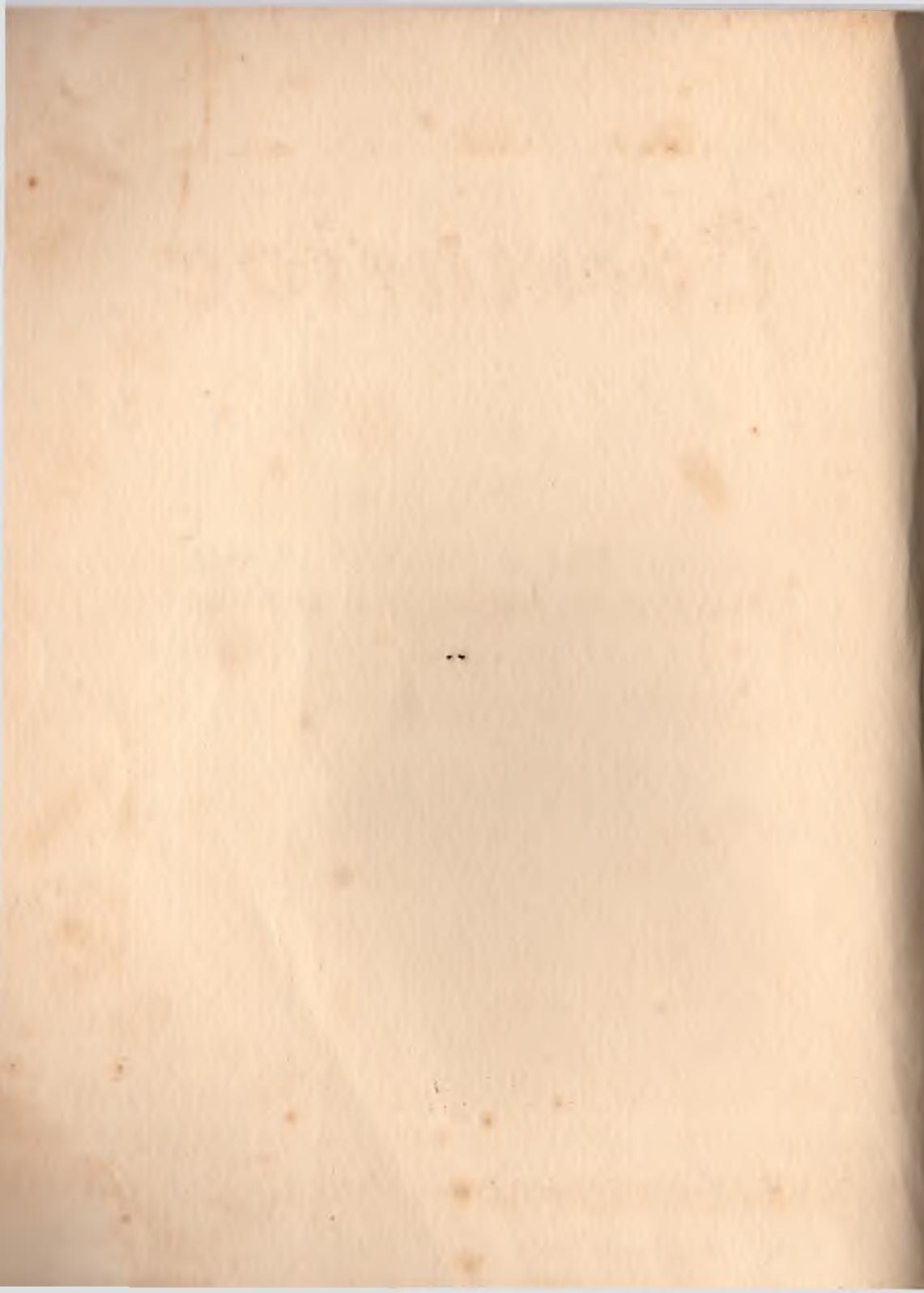




1959

1960

*Carmariae*



Biblioteca da  
- Província -

# **Cormariae**

IX

Documentário de Actividades  
Educativas — Culturais — Missionárias

BIBLIOTECA DAS "FONTES"  
R S C M  
PROVINCIA BRASILEIRA

RELIGIOSAS DO SAGRADO CORAÇÃO DE MARIA  
PORTUGAL 1960



Há dois anos que «CORMARIAE» não vinha à luz. Falta involuntária que só razões de força maior justificam. Nascida em 1950, para comemorar o 1.º Centenário da Fundação do Instituto do Sagrado Coração de Maria, foi a revista saindo, ano após ano, até 1957. Com este, já vai no número NOVE.

Os primeiros passos foram tímidos. Só chegou às mãos das antigas e actuais Alunas e de alguns Amigos do Instituto. Com o andar do tempo, ganhou ânimo e começou a visitar a Presidência da República e a Presidência do Conselho, Ministérios e Embaixadas, Nunciatura e Paços Episcopais. Viaja por todos os países onde há Casas do Sagrado Coração de Maria. Dá quase a volta ao Mundo...

«CORMARIAE» não pretende ser nem revista de cultura, nem de actualidades. É simplesmente um DOCUMENTARIO das actividades da grande Família do Sagrado Coração de Maria, em Portugal Continental e Ultramarino. Debruça-se, com especial carinho, sobre o problema da Educação; sobre os Novos Lares das Antigas Alunas, os seus Pequenos, as Finalistas da cada ano.

Uma ou outra vez, «CORMARIAE» salta as fronteiras e traz notícias dos acontecimentos mais importantes do Instituto, ou das Casas do Estrangeiro. E, se mais não abranje, é porque o limitado espaço lhe impõe uma tirânica selecção (só fotografias, recebe uma média de 500 por número!). Mesmo com prejuízo da estética gráfica de algumas páginas, impossível é dar o merecido relevo às actividades e ao progresso das 16 Casas que constituem a Província Portuguesa. Quanto aos retratos, bastantes do corrente ano, terão que ficar para o próximo número.

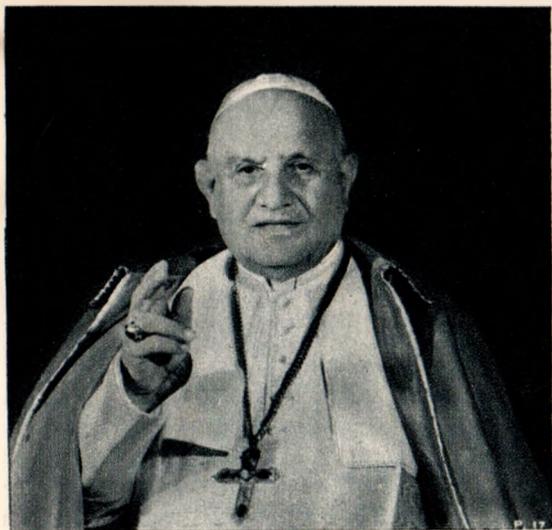
Neste ano de 1960, «CORMARIAE» clama, uma vez mais, o seu grito de armas: AVANTE NUM SÓ CORAÇÃO, O CORAÇÃO DE MARIA!

A REDACTORA



**C**resce como a rosa  
plantada à beira dum regato!

(Provérbios, 39, II)



Eleito a 28/X/1958

## A SUA SANTIDADE O PAPA JOÃO XXIII

Protector do Instituto  
das Religiosas do  
Sagrado Coração de Maria



*PASTOR SUPREMO da Igreja Católica, Apostólica Romana e PROTECTOR das Religiosas do Sagrado Coração de Maria que paternalmente Se dignou tomar sob o Seu excelso Patrocinio.*

*Como alguém escreveu em palavras de sóbria eloquência que admiravelmente se casam com o nosso sentir, «a elevação do Cardeal Roncali ao sólio pontifício foi o fecho da abóbada de uma grande carreira eclesiástica*

*em que se notabilizou pelo seu humanismo aberto, simples, inteligente e tranquilo;*

*em que dominou os acontecimentos com grande força de alma;*

*em que pôs ao serviço das suas missões um profundo conhecimento dos homens».*

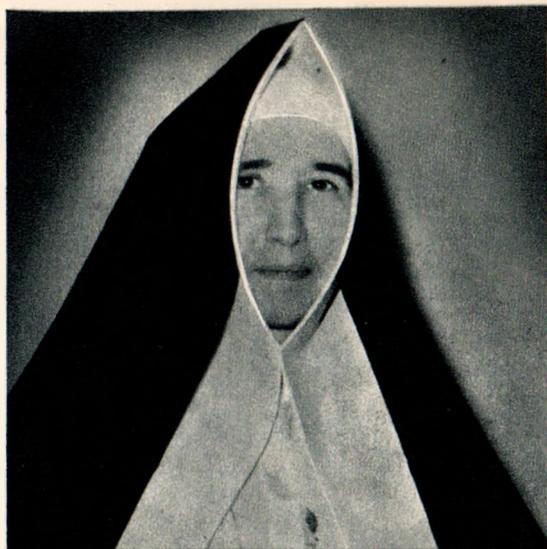
*Com vibrante alegria se associou este Instituto às homenagens que o mundo inteiro prestou ao Augusto Pontífice, quando da sua ascensão à Cadeira de Pedro.*

as

Religiosas do S

**A REV.<sup>DA</sup> MADRE  
M.<sup>A</sup> RITA ROWLEY**

7.<sup>a</sup> Superiora Geral  
das Religiosas do  
Sagrado Coração de Maria



Eleita a 16/VII/1960

*Successora de Figuras de excelso mérito e virtudes como foram as Reverendas Madres Maria José Butler e Maria Gérard Phelan — em cuja escola se formou para o alto cargo que dElas viria a herdar — na Reverenda Madre Maria Rita tem hoje o Instituto do Sagrado Coração de Maria a Superiora Geral de que necessita no período de crescente expansão e progresso, iniciado no Generalato de suas venerandas antecessoras.*

*Na força da vida e possuidora de uma vasta cultura — é doutorada em Filosofia;*

*religiosa segundo o Coração de Maria;*

*rica de experiência como Educadora e Superiora — passou muitos anos da sua carreira religiosa em mistões de responsabilidade;*

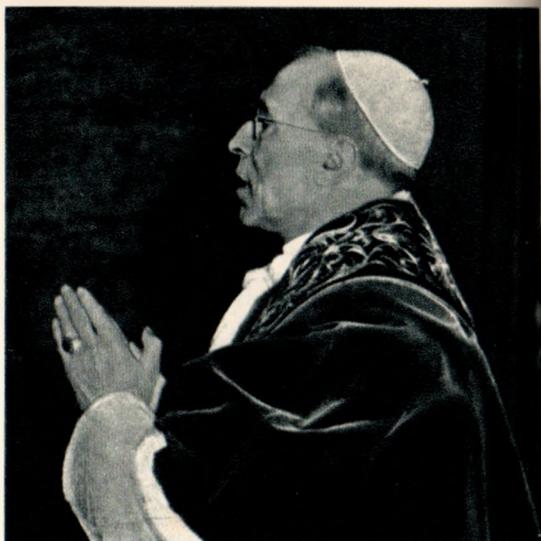
*foi a sua recente eleição para o cargo de SUPERIORA GERAL motivo de sincero regozijo e de ardente acção de graças para todo o Instituto.*



# Coração de Maria

# A SUA SANTIDADE O PAPA PIO XII

Protector do Instituto  
das Religiosas do  
Sagrado Coração de Maria



† 9/X/1958

«O mundo ficou mais pobre com a morte de Pio XII»  
— disse um grande Estadista.

*Ficaram mais pobres*

*os intelectuais e os artistas, os educadores e os magistrados, os cientistas e os investigadores e todos os profissionais que, nas Suas Encíclicas e Discursos, encontravam luminosas directrizes...*

*Ficaram mais pobres*

*os perseguidos e os refugiados, os aflitos e os enfermos, porque não mais se abrirão as Suas mãos dadivosas para os alimentar, vestir e acarinhar...*

*Ficaram mais pobres*

*as falanges de sacerdotes e religiosas, de missionários e leigos que aprenderam com Ele a ensinar aos homens como se pode construir «um mundo melhor»...*

*Ficaram mais pobres*

*os peregrinos de Fátima — Altar do Mundo — que recordarão sempre as Suas Mensagens de terníssima devoção ao Imaculado Coração de Maria...*

*Mas Pio XII não morreu.*

*Vive na memória grata dos Povos. E as Suas paternas finezas ficarão gravadas para sempre no Coração das Religiosas deste Instituto de quem foi desvelado Protector.*



**A** educação tem que preparar os jovens para exercerem uma acção salutar sobre o seu tempo de modo a atravessarem o mundo deixando-o, depois deles, melhor e mais belo do que o encontraram.



† 22/III/1960



**A** vossa vocação de educadoras é um nobre chamamento: modelar o espírito e o coração da juventude para tudo o que é grande

verdadeiro

e santo.

M. GÉRARD

## A REV.<sup>DA</sup> MADRE M.<sup>A</sup> GERARD PHELAN

6.<sup>a</sup> Superiora Geral  
das Religiosas do  
Sagrado Coração de Maria

*Quem encontrará uma mulher forte? O seu valor é maior do que o das pérolas que vêm dos confins do mundo. Reveste-se de força e dignidade e, alegre, espera o futuro.*

(Provérbios)

*A Mulher Forte A comparou o Orador Sagrado no Elogio Fúnebre do dia das suas solenes exéquias. E raras vezes terá sido aplicado com tanta verdade esse formoso texto bíblico.*

*«Acabou o trabalho da sua vida esta Mulher Forte. Aos quatro cantos do mundo enviou as suas religiosas. Os seus estabelecimentos de ensino universitário e secundário, as suas escolas paroquiais, as suas missões em África são monumentos que a sua larga visão tornou possíveis.*

*As centenas de religiosas que formou são também monumentos seus. Todavia o verdadeiro monumento que nos legou foi Ela própria.*

*Estimada por Papas e Cardeais, Bispos e Arcebispos — educadora por excelência — afamada construtora — missionária admirável — fiel serva de Cristo — eis a Madre Gérard.»*

*Com estas palavras — que gostosamente fazem suas — prestam as religiosas da Província Portuguesa do Sagrado Coração de Maria reconhecida e saudosa homenagem à veneranda memória da Reverenda Madre Maria Gérard.*

Os Nossos  
pequeninicos





FILHOS DAS «ANTIGAS»



**A** Madre Gérard serviu bem e fielmente a causa da sua Congregação e a da Igreja.

**CARDEAL VALERIO VALERI**  
Prefeito da S. Congregação dos Religiosos

**A** educação americana perdeu uma das suas figuras mais genuinamente proeminentes.

**L. J. MCCINLEY, S. J.**  
Reitor da  
Universidade de Fordham

**Q**UEM um dia A encontrou no seu caminho, encontrou ALGUÉM. É o testemunho unânime de quantos A conheceram. O seu mundo predilecto era a juventude, a sua tarefa apaixonante, a educação e o ensino. Para a bem cumprir, recebeu de Deus invulgares dotes de espírito e de carácter.

Irlandesa de nascimento, considerava como segunda pátria a grande Nação americana onde viveu um longo e operoso meio-século.

Estudou em Oxford, na Sorbonne e na Universidade Católica da América, e, em 1922, recebeu o grau de «Doutora em Filosofia», na Universidade de Fordham.

Com a Madre Butler, foi fundadora do Colégio de MARYMOUNT, nos arrabaldes de Nova Iorque. No decorrer das últimas décadas, este Colégio veio a dar origem à numerosa cadeia de estabelecimentos de ensino secundário e universitário, hoje disseminados pelos Estados Unidos, Canadá, Colômbia e México, assim como aos Colégios Internacionais de Paris, Roma e Barcelona, todos conhecidos pelo nome de MARYMOUNT.

Fecundo em iniciativas de arrojada actualidade e projecção no campo do ensino e da educação, foi o seu longo governo como Superiora Geral. Duplicou o número de casas do seu Instituto e deixou-o estabelecido em 13 países da Europa, das Américas, da África Oriental Portuguesa e da Rodésia.

Enérgica e perseverante, bondosa e optimista, com um agudo sentido psicológico e uma concepção realista da vida, a Madre Maria Gérard foi uma grande Religiosa e uma admirável Educadora. Foi ALGUÉM.



**A** CIMA de tudo, foi MÃE e GUIA. Da sua coragem indomável provinha aquela grande fortaleza de que deu provas em cada uma das suas empresas.

**CARDEAL SPELLMAN**  
Arcebispo de Nova Iorque

**D**A sua fé dinâmica e ilimitada energia resultaram iniciativas no campo da educação que são um imperecível memorial do seu espírito.

**NELSON A. ROCKEFELLER**  
Governador de

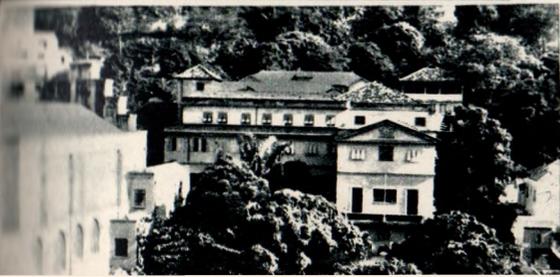


A última e come-

RIO de  
JANEIRO



Bandeiras entrelaçadas, flores,  
sorrisos: assim acolheu o Brasil  
a Rev.ª Madre Delegada



# UM MÊS por TERRAS do BRASIL

BRASÍLIA, a moderníssima capital construída no centro do Brasil, em conformidade com um «plano piloto» da autoria de Lúcio Costa e sob a orientação do grande architecto brasileiro Oscar Niemeyer, é quase um milagre do poder realizador do homem.



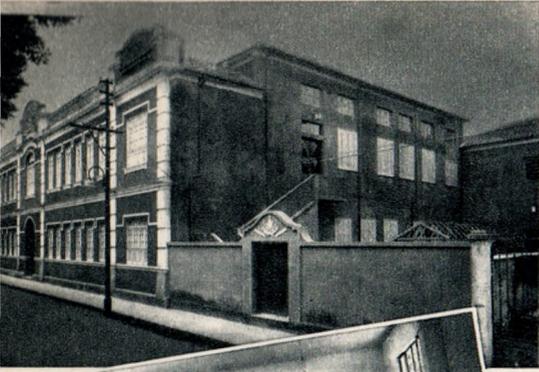
— «EU vou buscar diamantes — e armou seu barracão de coiro a 400 léguas da partida». Assim trata Cassiano Ricardo as distâncias no Brasil, onde os seus 8.516.344 quilómetros quadrados de área, tornam curtos milhares de quilómetros de distância.

Tem-se a impressão de um mundo novo, rico em esperanças e generoso em promessas, que, na Comunidade mundial, se imporá um dia pelo seu progresso, riqueza, capacidade de expansão e pela sua fé.

Numa visita rápida em que foi necessário reduzir os contactos com o mundo extra-conventual desse Brasil imenso, tornou-se fácil, porém, auscultar a alma brasileira, tanto ela é expansiva, aberta e acolhedora. Não há estranhos para o seu coração franco — não existem «os de fora». A todos se abrem as portas, os braços e a alma tal como se faria, possivelmente, nas «Casas grandes» dos fundadores «verticais» do Brasil que, nas «senzalas», abrigavam os seus escravos, ou nas Cabanas dos Bandeirantes — os fundadores «horizontais», — que da selva faziam a sua «casa» e o teatro ambulante das suas aventuras de pioneiros do sertão.

Por isso, os escravos no Brasil, nos tempos infortunados da escravatura, eram «felizes como crianças», comenta Wallace, e M.<sup>me</sup> Ida Pfeiffer tem este depoimento: «estou convencida que, vista em conjunto, a sorte desses escravos é menos miserável do que a dos camponeses da Rússia, da Polónia e do Egipto, e que não são chamados escravos».

Foi assim que as tendências humanitárias levadas ao Brasil pelos portugueses, ali se multiplicaram e elevaram a um expoente máximo.



UBA



VASSOURAS

Esta grandeza e beleza a transparecer nas almas, reflecte-se na natureza, num cenário de maravilha, realçado pelo engenho humano, nos seus elegantes traçados urbanísticos, adaptados às exigências da vida moderna. Assim, a Baía de Guanabara, qual princesa do Atlântico Sul, envolvida no manto azul das suas águas salpicadas do ouro das estrelas e enfeitada de cordões luminosos que se multiplicam nos seus reflexos enriquecendo-lhe o manto de brocado.

«Estrelas fulgem na noite em meio, lembrando círios loiros a arder», na inspiração poética de Auta de Sousa.

Descer o Pão de Açúcar quando o Sol mergulha lá longe nos confins do Oceano, polvilhando-o de ouro e afagando-o em seus clarões... e deixar a Tijuca quando as luzes se acendem nas marginais, nas Avenidas, nos prédios e arranha-céus, reflectindo-se todas ao desafio na Baía silenciosa e mansa, que ao luar de prata faz as suas confidências de mistério, é, decerto, ter a dita de contemplar um dos espectáculos mais maravilhosos da Terra.

RIO DE JANEIRO, é em verdade a «cidade maravilhosa» — assim a cantaram — agraciada pelo Oceano com a incomparável Baía de Guanabara e com as formosas e moderníssimas praias de Bota Fogo, Leme, Copacabana, Tijuca, Ipanema, etc.

Graciosamente abandonada aos cuidados e afagos do mar, a natureza não a entregou aos caprichos das suas marés e às alternativas das suas fúrias ou meiguices, mas deu-lhe uma muralha protectora nas elevações montanhosas do nascente. entre as quais sobressai o Corcovado. Talhado quase verticalmente do lado sul e poente, fazendo lembrar um pedestal gigante de 700 metros de altitude, oferece do lado nascente subida

fácil e agradável, nas belas estradas que vão serpenteando a encosta e descobrindo um cenário cheio de encanto e formosura. Dificilmente os olhos se desprendem de tanta beleza, amplitude e variedade.

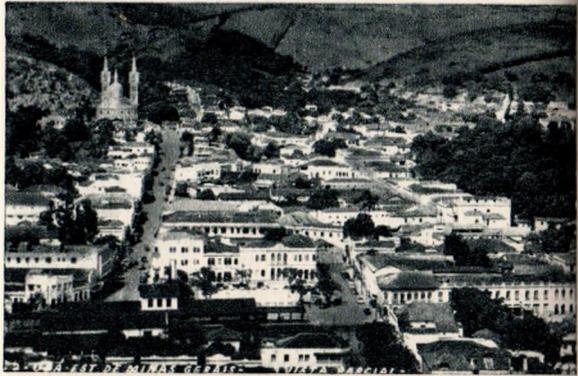
Sobre o Corcovado, o Cristo Redentor, de braços abertos na direcção Norte Sul, a marcar o sentido da vida e a indicar a sua forma mais normal — o sinal da cruz. Na verdade, ou encrustada a pedra branca de que é feito sobre o azul celeste, ou traçando a sua sombra sobre a cidade, é sempre a Cruz a sua expressão.

Aos pés do Corcovado, na célebre Praia de Copacabana, fica um dos primeiros Colégios do Sagrado Coração de Maria, no Brasil.

Aí, comprou a Madre Maria de Aquino uma vivenda que adaptou e aumentou, sendo depois sucessivamente ampliada pelas Reverendas Mães Inês de Jesus e Maria Xavier, nos seus provincialatos respectivos, e que obriga hoje mais de 1.000 alunas. É este Colégio um dos melhores e mais conceituados do Rio.

De todos os pontos da cidade se pretendem matrículas, o que obriga o Colégio a procurar as suas alunas nos bairros mais distantes, por meio de 12 autocarros, que fazem o serviço diário.

Todos os cursos ali são ministrados: o infantil, primário, ginásial, científico e literário, secretariado e normal, ao lado das secções — que completam a cultura feminina — artes, música, dança e actividades de apostolado.





A melhor impressão me ficou do contacto com religiosas, alunas e senhoras, antigas alunas ou Mães de Família. É sensível e sincero o apreço destas últimas pelo Colégio que foi seu ou é hoje das suas filhas, e a prova é a vitalidade das obras em que elas tomam parte e dirigem: Associação Madre Butler, Associação das Antigas Alunas, Arquiconfraria do Coração de Maria, Escola Gailhac, em que várias Senhoras trabalham, etc.

Numa festa cheia de beleza e simbolismo tive a honra de inaugurar, neste Colégio — que é sede Provincial — o cinquentenário da fundação da Província Brasileira, acendendo a chama votiva repartida por 8 chamas, a significar as 8 Casas que o Instituto conta no Brasil. Lá estava também a pequena chama da «Caçulinha», a fundação mais recente, em VASSOURAS, — pequenina cidade vizinha do Rio de Janeiro — para onde foi transferido o Noviciado, há 2 anos. Numa acolhedora e simpática pousada, recentemente construída, abrigam-se algumas dezenas de moças que ali vão procurar a realização das suas vidas e a certeza de quem «sabe a quem se entregou».

É interessante notar que a grande maioria das vocações brasileiras para o Sagrado Coração de Maria vem do Estado de Minas Gerais. Região generosa e rica em que as famílias são ainda numerosas — 10, 15, 20, 24 filhos — ali vai o Senhor buscar as suas eleitas — «Se hoje ouvirdes a Sua voz não endureçais os vossos corações». (Salmo 94,8). E a palavra do salmista encontra correspondência ao seu apelo.



BELO HORIZONTE — Capital do Estado — nova e linda cidade de traçado geométrico com extensas e largas avenidas e belos edifícios, aí tem o Sagrado Coração de Maria um grande Colégio de 700 alunas.

No cemitério desta cidade, descansa a querida Madre Maria de Aquino, junto de quem deixei um ramo de rosas de Portugal, mensageiras da homenagem saudosa da sua Terra.

UBÁ foi a primeira fundação em Terras de Santa Cruz. Cidade pequena, o Colégio tem todavia uma frequência de 500 alunas e é verdadeiramente o centro das actividades religiosas e sociais do meio.

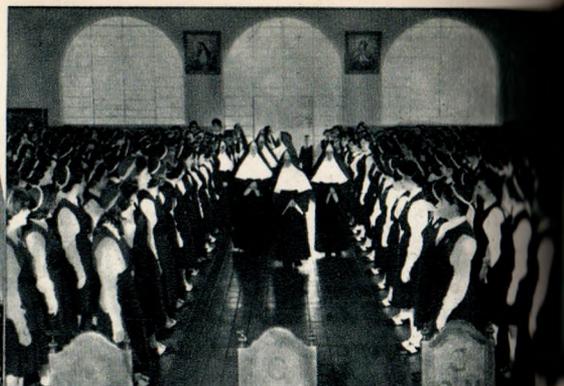
Regra de pouquíssimas excepções é o facto de as Senhoras de Ubá serem todas filhas do Sagrado Coração de Maria, como antigas alunas do Colégio. E não há, neste, actividade ou festa a que elas se não associem com o mesmo entusiasmo e o mesmo à-vontade dos seus tempos de colegiais.

Um grande Deputado vi eu, abraçar e beijar carinhosamente a mão de uma Irmã velhinha, que tinha sido sua professora de Catecismo.

Há qualquer coisa em Ubá que prende e interioriza. Talvez um sentimento de gratidão a levantar-se no subconsciente para render homenagem à Cidade hospitaleira e generosa, que abriu as suas portas às religiosas portuguesas exiladas e as compenhou tão superabundantemente da dureza e privações dos primeiros tempos do Brasil.

Assim é que as Irmãs portuguesas já idosas e cansadas dos trabalhos em que gastaram forças e vida, ali estão a terminar os seus dias silenciosamente, na oração, sendo para todas exemplo vivo de fervor, de autêntica vida religiosa.

S. PAULO



S. PAULO



VITORIA

Outro quadro de beleza surpreendente é VITÓRIA. Capital do Estado do Espírito Santo, esta cidade espalha-se na margens do Atlântico, rezando à Senhora da Penha, que da sua Capela e Mosteiro Franciscano do século XVII, a abençoa a defende. É numa península dessa margem — a Ponta Formosa — que se encontra o Colégio. Rodeado de mar, batido pelas ondas, dir-se-ia uma nau possante e gigantesca, para sempre ancorada e vencida aos Pés da Senhora.

Há quem o chame «cartão de visitas» da cidade. E na verdade é o primeiro edifício a aparecer — pelo seu isolamento e pelas suas linhas imponentes — a quem chega de avião e a quem demanda o Porto de Vitória para desembarcar.

Nas praias privativas do Colégio têm as pequenas **capichabas** (1) um dos seus desportos favoritos. Por isso, uma das maiores sanções às suas infracções disciplinares e escolares é a privação da praia.

É este também um dos locais de turismo da cidade e não raro aparecem grupos de excursionistas a visitar a Ponta Formosa.

CAXIAS DO SUL levantou, no dia 11 de Maio, o seu manto de nevão, para nos receber. Vegetação e clima europeus, orgulha-se dos seus vinhos do «chimarrão» e do «churrasco» que, com outras características, fazem do **gaúcho** (2) um tipo à parte no Brasil.

S. PAULO, «a Cidade mais progressiva do Mundo», conta, também, entre os seus grandes edifícios, um Colégio do S. C. de Maria com perto de mil alunas. No seu uniforme impecável, dominam uma fanfarras de numerosos e variados instrumentos, que as impõe nos desfiles escolares.

Originárias das mais variadas ascendências raciais e nacionais, sentem-se todas como em grande família unida e forte, orgulhando-se por viver no seu Estado a Senhora da Aparecida.

S. PAULO

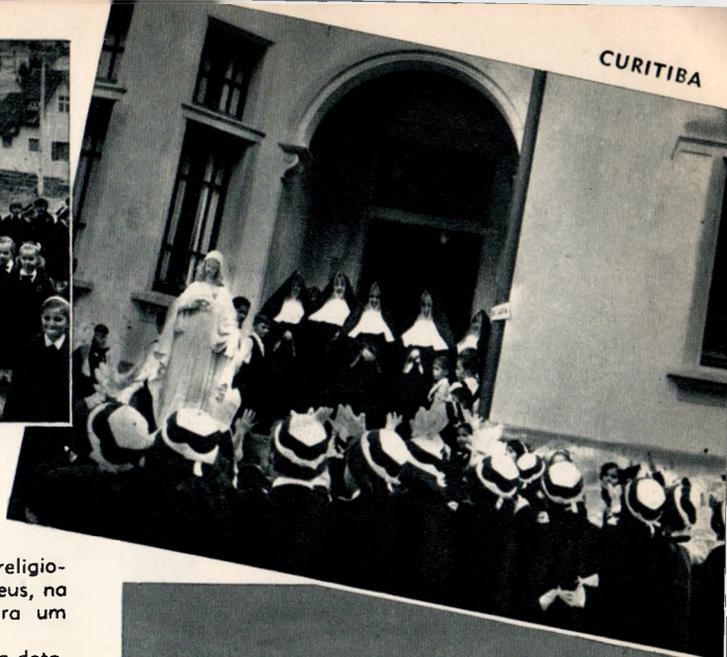


CAXIAS





CURITIBA



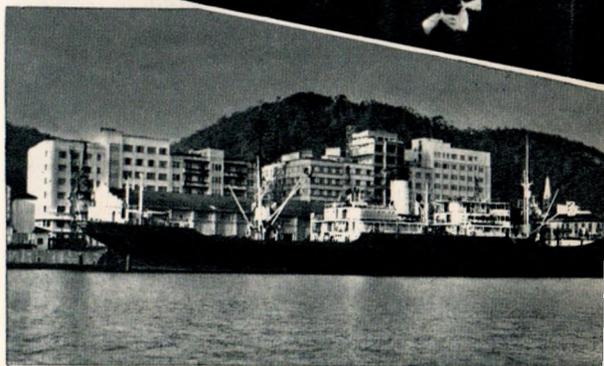
É interessante ver a maneira como as religiosas respeitam estes costumes e os fazem seus, na medida das exigências de adaptação para um maior rendimento do seu trabalho.

O Colégio, instalado desde 1954 até esta data, numa Casa pequena, em breve mudará as suas instalações para «Miralém», de arquitectura moderna, vasta e elegante, numa situação — donde tira o nome — que o coloca em plano de rivalidade com as melhores posições dos Colégios da Província Brasileira.

CURITIBA, a Cidade Universitária e capital do Paraná, possui o Colégio **Caçula** (\*) da Província, pois conta apenas 3 anos de fundação.

Embora este se encontre instalado numa bela vivenda servida por magnífico parque e jardim, possui já uma grande área de terreno de invejável situação, onde, dentro de pouco tempo, se levantará um edifício digno da moderna e alegre capital do Paraná.

Finalmente, uma visita a BRASÍLIA completa a impressão geral que se pode ter do Brasil, através de voos rápidos que, num mês, me permitiram percorrer oito Estados e respectivas capitais e algumas cidades brasileiras.



VITORIA



Unidas por mais um elo que foi esta visita ao Brasil, as duas Províncias brasileira e portuguesa prestam homenagem à saudosa Mãe Gérard na realização póstuma deste seu mandato e saúdam a Reverenda Madre Geral, colocando em suas mãos de Mãe os destinos destas duas humildes porções do Instituto do Sagrado Coração de Maria.

MARGARIDA MARIA CONÇALVES  
R.S.C.M.

Assistente Geral

(\*) «Capichaba» — habitante do Estado do Espírito Santo.  
(\*) «Gaúcho» — habitante do Rio Grande do Sul.  
(\*) «Caçula» — o filho mais novo.

CAXIAS



CURITIBA



# RETRATO DA VIRGEM

Olhai para Maria *formosa como a lua*. Quantas vezes não ficámos impressionados pela beleza dum rosto angélico, pela suavidade dum sorriso de criança, pelo encanto dum olhar puro!

Certamente que, no rosto de Sua própria Mãe, Deus reuniu todos os esplendores da Sua arte divina.

O olhar de Maria!

O sorriso de Maria!

A suavidade de Maria!

Tal como a lua resplandece no céu escuro, assim se distingue a beleza de Maria de todas as outras belezas, que parecem sombras ao lado d'Ela.

Um raio da beleza de Deus resplandece nos olhos de Sua Mãe. Não vos parece que o rosto de Jesus devia reproduzir, em certo modo, os traços fisionómicos de Maria? O rosto dos filhos reflecte sempre os olhos de sua mãe.

Olhai para Maria *sublime como o sol*. À luz e calor do sol, as plantas florescem e dão fruto. Sob a influência do SOL que é Maria, desabrocham flores e os frutos amadurecem na nossa vida.

E se esperamos chegar um dia ao Paraíso, também esta graça nos virá — como um raio deste sol — através de um sorriso de Maria.

PIO XII



MESTRE DO PARAÍSO

Escola Portuguesa, séc. XVI  
(Reprodução amavelmente ce-

# CURSO DE APERFEICOAMENTO E ACTUALIZAÇÃO

Para Religiosas Educadoras

No Colégio do S. C. de Maria - Lisboa

FEDERAÇÃO  
NACIONAL  
DOS  
INSTITUTOS  
RELIGIOSOS  
FEMININOS

**C**OM a bênção da Santa Igreja na pessoa de Sua Eminência o Senhor Cardeal-Patriarca, representado pelos Senhores Bispos de Fabiana e de Tiava.

**S**OB o alto patrocínio de Sua Excelência o Presidente do Conselho e dos Senhores Ministros das Finanças e da Educação Nacional.

**Q**UANDO a alma se fecha à luz de Cristo, logo o homem, voltando-se para a Terra e pondo nela o seu fim, perde o sentido do seu destino, missão, dignidade e direitos.

CARDEAL CEREJEIRA

**T**EMOS de reagir pela verdade da vida que é trabalho, que é sacrifício, que é luta, que é dor, mas que é também triunfo, glória, alegria, céu azul, almas lavadas e corações puros.

SALAZAR

REPORTAGEM FOTOGRAFICA DE ANDRADE DA ROCHA



# Professor Engenheiro

## Dr. Francisco de Paula Leite Pinto

Cientista, Homem de Letras ou Pedagogo?

A pergunta assoma instintivamente ao espírito quando lemos os seus notáveis Discursos, ou nos debruçamos sobre a operosa Acção Educativa realizada nos breves cinco anos que está sobraçando a pasta da Educação Nacional.

Aos problemas do Ensino Particular tem dedicado especial atenção e seguiu com penhorante interesse os trabalhos do «Curso de Férias para Educadoras Religiosas», dignando-se presidir à Sessão de Encerramento e nela pronunciar magistral lição. «Cormariae» — órgão das Religiosas do Sagrado Coração de Maria — presta homenagem a Sua Excelência o Ministro da Educação Nacional e honra-se de registar nas suas páginas alguns dos passos da sua prestigiosa carreira

Licenciado em Ciências Matemáticas.

Engenheiro Geógrafo.

Diplomado com exame de Estado para o Magistério Liceal.

Engenheiro pela «Ecole Nationale des Ponts et Chaussées», de Paris.

Leitor de Português e Assistente do Professor Le Gentil, na Sorbona, onde fez cursos sobre os Cronistas e os Descobrimientos portugueses e a Astronomia náutica das viagens dos nossos navegadores.

Secretário-Geral da Junta da Educação Nacional.

Secretário do Instituto de Alta-Cultura.

Vice-Presidente da Junta de Energia Nuclear.

Presidente da Comissão de Estudos de Energia Nuclear.

Professor Catedrático de Matemática, no Instituto Superior de Ciências Económicas e Financeiras, e de Caminhos de Ferro, no Instituto Superior Técnico.



Tão diversas actividades, conjugadas com um estudo aturado, um paciente espírito de investigação e uma inteligência rasgadamente aberta aos múltiplos problemas do seu tempo, foram lapidando novas facetas na sua pujante personalidade e preparando o Professor Leite Pinto para a difícil Missão que O esperava no Ministério da Educação Nacional, onde a sua acção se desenvolveu em iniciativas criteriosas e arrojadas, com elevada competência educacional e sentido da moral cristã.

**A** mulher nasceu para se dedicar e, se não for mãe, tem necessidade de exercer uma maternidade espiritual. Por isso, a mulher encontra no professorado um sacerdócio de eleição: proteger, elevar, alimentar os seus filhos espirituais.

A evolução da sociedade criou a necessidade para muitas mulheres de exercerem uma profissão. Nenhum inconveniente moral haverá nisso desde que se procure equilibrar tal necessidade com um forte desejo de não abdicar das virtudes femininas.

A mulher está destinado neste Mundo em evolução um grande papel na solução dos problemas sociais. Os colégios de raparigas devem preparar as suas educandas para essa nobre tarefa.

A felicidade é, antes de tudo, o equilíbrio psíquico e moral. Um lar é um lugar de calma e de repouso. É uma chama que aquece os corações.

**A** mais grave causa da decadência e da degradação humanas não é a falta de recursos materiais, mas a falta de educação. A desagregação familiar tem quase sempre como causa a incapacidade da mulher como educadora.

**N**ÃO só nas classes pobres há crianças abandonadas. Também as há nas classes ricas, sempre que os valores morais não são transmitidos pela família.

A história é fita de estrada com dois sentidos onde ficaram marcados os passos de nossos avós e onde antevemos passos dos nossos netos. Cada povo só tem consciência que existe ao ver essas pegadas — as de ontem, as de hoje, as de amanhã. Pegadas de Portugueses as vemos bem vincadas olhando quase mil anos atrás e vemo-las séculos e séculos fora na estrada do tempo que há-de vir.

(Discursos)





Com perfeito conhecimento dos deveres e das responsabilidades que hoje pesam sobre os Educadores, e, de maneira muito particular, sobre os educadores religiosos, houve verem por bem as dirigentes da Federação Nacional dos Institutos Religiosos Femininos promover este CURSO DE FÉRIAS.

Reunir perto de 500 religiosas, pertencentes a 26 Institutos, procedentes dos quatro cantos de Portugal Continental e Ultramarino; congregar mais de 40 prelectores especializados em diversos ramos das ciências, da arte, da moral e da Teologia; imaginar um programa coerente e harmónico e ordená-lo por forma que cada matéria tivesse o desenvolvimento que devia ter, é uma empresa notável que carece de ser louvada.

Mas o aspecto mais importante, o que dá relevância ao CURSO, é que ele interessou

- 1 - Dominicanas do Bom Sucesso
- 2 - Escravas do S. Coração de Jesus
- 3 - Irmãs de S. José de Cluny
- 4 - Irmãs do Bom Pastor
- 5 - Franciscanas de N. S.ª das Vitórias
- 6 - Missionárias Reparadoras de S. C. de Jesus
- 7 - Irmãzinhas da Assunção
- 8 - Franciscanas Missionárias de Maria
- 9 - Reparadoras de N. S.ª das Dores
- 10 - Irmãs do SS.º Salvador
- 11 - Irmãs da Apresentação de Maria
- 12 - Religiosas do S. Coração de Maria
- 13 - Religiosas de Santa Doroteia

## Presentes ao Curso de Férias 25 Institutos Religiosos



## PLANO DE ESTUDOS

### 1 - ORIENTAÇÃO FILOSÓFICA E PEDAGÓGICA

Filosofia da Educação (1 hora) . . .  
 Filosofia e os problemas sociais do seu  
 tempo (1 hora) . . .  
 Metodologia científica da ciência e da educa-  
 ção (1 hora) . . .  
 Metodologia da Pedagogia (1 hora) . . .  
 Filosofia da Pedagogia geral (1 hora) . . .  
 Filosofia da saúde mental (1 hora) . . .  
 Filosofia da educação e psicológicas da colégio  
 (1 hora) . . .  
 Filosofia da vida da sua Educadora (1 hora)  
 Filosofia profissional da Educadora, à luz dos  
 princípios da Pedagogia (1 hora) . . .  
 Filosofia da educação - Pais e Mestras (1 hora)  
 Filosofia da educação ao Centro Internacional  
 de Estudos Pedagógicos de Séverus (Paris) . .

Rev. P. Agostinho Moreira Ferraz, S. I.

Rev. P. Lécio Cavairo da Silva, S. I.

Dr.<sup>o</sup> Maria Irene Leite de Costa, Presidente do Conselho  
de Burocracia Internacional de Filósofos.

Prof. Dr. João Pedro Miller Guerra, da Faculdade de  
Educação de São Paulo.

Rev.<sup>o</sup> Ir.<sup>o</sup> Maria de Jesus, S. I. A.

Rev.<sup>o</sup> Madre Margarida M.<sup>o</sup> Gonçalves, S. I. C. A.

Rev.<sup>o</sup> Madre M.<sup>o</sup> de Chantal Carvalhos, S. I. C. A.

Rev. P. Manoel Simões, S. I.

Dr.<sup>o</sup> Ovídio São Martins, Substituto do Instituto de Estudos



## Mestre

verdadeiramente as alunas, conseguiu pren-  
 der-lhes a atenção durante três longas sema-  
 nas, acordando interesses, facultando con-  
 hecimentos, definindo orientações, ampliando  
 perspectivas, fortalecendo ideais, em suma,  
 educando no pleno e elevado sentido do  
 termo.

A tarefa do educador é simultaneamente  
 o reflexo da civilização presente e a prepa-  
 ração da civilização de amanhã. Se, por um  
 lado, é por seu intermédio que as tradições  
 culturais se mantêm e prolongam, por outro,  
 prepara a construção de novas formas e  
 ideais que se sucederão no tempo, e nas  
 quais as gerações presentes irão viver.

De nada vale desviar os olhos para os  
 tempos passados. É **PRECISO CRER  
 E TRABALHAR, PARA DOMINAR E  
 VENCER.**

*Professor Doutor MILLER GUERRA*  
 (Extractos do seu discurso)

para Educadoras Religiosas

1 Instituto Secular



- 14 - Hospitaleiras do S. C. de Jesus
- 15 - Dominicanas de S.<sup>ta</sup> Catarina de Sena
- 16 - Filhas da Caridade de S. V. de Paulo
- 17 - Religiosas Teresianas
- 18 - Beneditinas Missionárias
- 19 - Religiosas do Amor de Deus
- 20 - Franciscanas Hospitaleiras Portuguesas
- 21 - Escravas da SS.<sup>ma</sup> Eucaristia
- 22 - Missionárias Dominicanas do SS.<sup>mo</sup> Rosário
- 23 - Franciscanas Hospitaleiras de Calais
- 24 - Servas de N. S.<sup>a</sup> de Fátima
- 25 - Oblatas do S. Coração de Jesus
- 26 - Instituto «Ancilla Domini»



Aula de Religião,  
Rev. M. Paiva Nazaré



# H O M E

Muito grato nos seria prestar condigna homenagem a cada um dos membros do Corpo Docente, a cuja competência e zelo incedíveis se deve o êxito do Curso. Temos, porém, que nos limitar à publicação de algumas fotografias que nos darão uma ideia das variadas actividades e da distinta colaboração prestada por Sacerdotes, Professores e

Dr.ª M. Irene Leite  
da Costa

S. Ex.ª o Senhor Bispo  
de Malange



Rev. P. Dr. Lucio  
Craveiro, S. J.

Prof. Doutor Miller  
Guerra

## Falas

**DESTAS** professoras, feitas alunas, entre as quais havia não poucas com diplomas universitários — nacionais e estrangeiros — de ciências, letras, direito, filosofia, teologia, jornalismo e dos mais variados cursos de preparação técnica, social e artística, existem testemunhos de genuína sinceridade, porque não se destinavam à publicação. Serão eles o melhor comentário do Curso.

★

«Foram dias prodigiosos para nós! Rasgaram-nos horizontes novos e compreendemos que, nos tempos de hoje, não basta educar como fomos educadas, mas que os métodos têm de se actualizar gradualmente, de acordo com as novas mentalidades das raparigas e com as exigências cada vez mais crescentes da sociedade.»



1 — A Secretária-Geral, em nome da F. N. I. R. F., exprime a sua satisfação e reconhecimento às Superiores do «Sagrado Coração de Maria»



# N A G E M

Religiosas, durante essas três semanas de trabalho intensivo.

Em obediência às normas pontifícias e às orientações oficiais, o Plano de Estudos foi dirigido no sentido de obter uma maior **atualização nas ideias, competência no ensino e eficiência nos métodos.**

Il. Ex.<sup>a</sup> o Senhor Bispo de Portalegre

Ex.<sup>ma</sup> Sr.<sup>a</sup> D. Olga Violante



Rev. P. Dr. David de Azevedo

Mons. Dr. Almeida Trindade

## Alunas

*«As educadoras tudo é confiado: não só o mundo e a geração de hoje, mas também a de amanhã.»*

*«Houve o dom de nos criar uma amizade e simpatia tal, que a todas nós pareceu que ali dentro formávamos apenas uma única família religiosa.»*

*«O curso deixou-me a melhor das impressões, quer pelo valor das lições a que assisti, quer pelo ambiente de caridade que reinava.»*

*«Não éramos 26 Congregações diferentes, éramos uma só, empenhada no mesmo propósito, trabalhando para o mesmo fim.»*

*«Verdadeiramente sentimos-nos uma só família — a do Senhor.»*



4 — Uma sessão recreativa, em cujos números tomaram parte representantes de todas as Congregações, encerrou alegremente o Curso



3 — O grupo coral, regido por uma jovem «mestre-»



*«Como o sol nascente sobre as montanhas do Senhor,  
assim o encanto duma mulher formosa em casa  
bem governada.»*

(Eclesiástico, 26, 16)

PORTALEGRE



PORTALEGRE



## NOVOS LARES

“ANTICAS” DE LISBOA

**MÃE** sabes o que fazes quando pões o teu menino de mãos postas a rezar?

Quando lhe dizes que o Senhor pregado na Cruz é o seu maior Amigo?

Quando lhe ensinas a atirar beijos à Mãezinha do Menino Jesus e lhe segredas que Ela o guarda como tu o não podes fazer?

Quando pedes com Ele ao Pai do Céu que o faça um homem às direitas, de alma e corpo são?

Sabes o que fazes, Mãe, sabes?

— estás a preparar o teu menino para ser um cristão de têmpera rija.

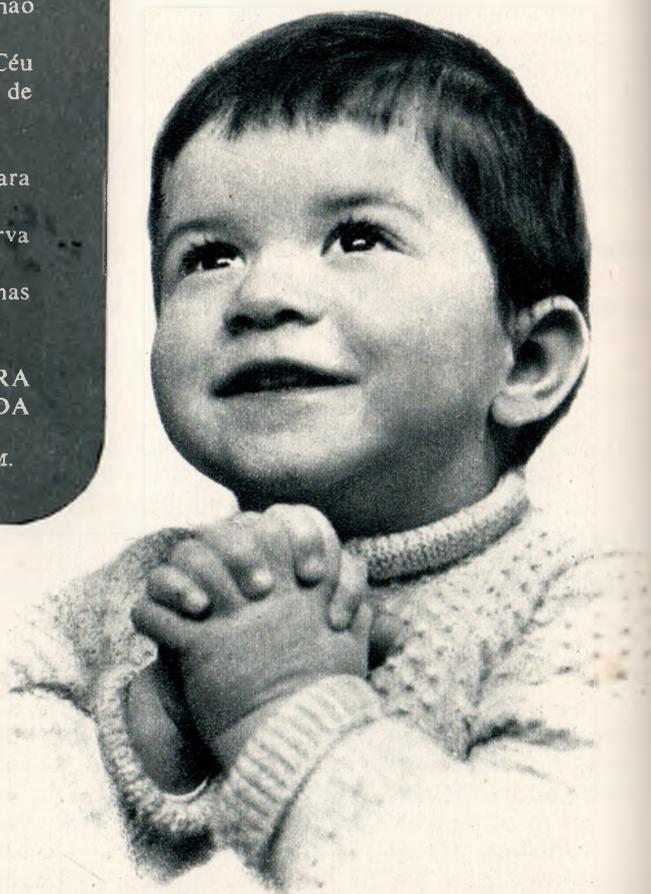
— estás a dar-lhe inesgotável reserva de luz e conforto moral.

— estás a fazer dele um vencedor nas lutas do espírito e da carne.

— estás...

**A ARMÁ-LO CAVALEIRO PARA A GRANDE AVENTURA DA VIDA E DA MORTE!!**

M. de C., R.S.C.M.



*Maria Manuel, filha de Maria da Graça Correia de Almeida, «Antiga» de Braga, falecida em 1958.*

## O Autêntico Condestabre!

O sisudo Fernão Lopes achava empresa muito arriscada evocar condescendentemente a pessoa de Nuno Álvares e assim, ao começar na Crónica a falar da sua nobre figura e feitos, exclama meio aturdido: «Quem poderá dignamente contar os louvores deste virtuoso varão?!»

Parece que os modernos, mais afoitos e temerários que o honrado cronista, não sofreram de tais escrúpulos e o resultado foi que entre todos, mesmo sem prévio acordo, historiadores, pintores, escultores e santeiros nos deram um Condestável de pacotilha, ou então, por tal jeito desfigurado, que nos enche de inútil mas justa cólera!

O remédio, em vez de barafustar no deserto, é ignorar todo esse entulho e buscar as fontes primeiras, ainda sem turvação dos tempos e da malícia ou inépcia dos homens. Por sorte ficaram-nos dois documentos de primeira ordem, para ressuscitar o perfil do Santo Conde: «A Crónica de D. João I» de Fernão Lopes e a do anónimo, possivelmente contemporâneo dos acontecimentos. É pena que os arcaísmos do texto e a angustiada falta de tempo tolham a leitura destas obras admiráveis, aos portugueses dos nossos dias.

Não é possível, na brevidade forçosa destas linhas, apontar sequer todos os ditos e feitos capitais, que evoquem a verosimilhança do grão Condestabre. Baste-nos a boa vontade e um imperfeitíssimo esboço.

D. Nuno aparece na história, deduzido de sua nobre linhagem, adolescente de treze anos, armado cavaleiro pela *Flor de Altura* a formosa e leviana D. Leonor. A corte era um labirinto de intrigas e um lamaçal de escândalos. Por sorte o escudeiro da rainha, como qualquer rapaz curioso dos nossos dias, era um apaixonado da leitura. Não havia revistas no tempo. Mas abundavam felizmente os romances de Cavalaria. Nuno Álvares preferia os da Távola Redonda e amava entre todas a figura excelsa de Galaaz, sonhando ser casto e virgem como ele, para «acabar muitos grandes e notáveis feitos, que outros nom puderom acabar».

Mas a vontade de Deus, do Pai e do Rei era outra. De modo que dentro de alguns anos o vemos casado com Dona Leonor d'Alvim, Entre-Douro-e-Minho. Tratava então a todos, diz a Crónica, com «doces palavras» poucas e brandas e grão mesura, de modo que todos gostavam dele. Era mais monteiro que caçador e com seus quinze escudeiros e trinta homens de pé, todos bons, «por ser homem novo às vezes fazia na terra das suas, segundo seus vizinhos». Mas não nos assustemos. O autor anónimo logo acrescenta: «E porém nom tanto, que sempre em ele nom fosse o temor de Deus». D. Leonor achava graça e dava-lhe «bons conselhos das maneiras que havia de ter em aquela terra».



Aqui seguia já o costume, que guardaria toda a vida, de cumprir seus jejuns, confissões e comunhões quatro vezes ao ano, o que era muito para o tempo, e ouvir pontualmente suas missas: duas caladas todos os dias e nos sábados e domingos outra cantada.

Mas pouco durou esta paz familiar e campestre. E a guerra começa. O seu patriotismo, aliado à sua valentia e clarividência de chefe, fazem dele, como dirá mais tarde o rei abraçando-o comovidamente: o primeiro homem de armas do mundo! São por demais conhecidas as suas batalhas e as suas vitórias para valer a pena recordá-las de novo.

Mas nas páginas das velhas crônicas quantos ditos graciosos ou ousados! — «Dizei a el-rei meu Senhor que eu não sou homem de muitos conselhos». Quanta decisão e força persuasiva para animar os cobardes, rindo-se de agoiros e superstições, moralizando o acampamento, surdo a lamúrias e intrigas, castigando impiedosamente os desmandos e desacatos, como no caso de Gonçalo Gil de Vieiros, que roubou um cálix de igreja e por pouco se livrou de morrer queimado vivo.

Mas se fazia justiça, às vezes por próprias mãos, quando o julgava necessário, o seu coração não era alheio à ternura e misericórdia. E assim ao ver que o rei castigava excessiva e cruamente certos moços desmandados decepando-os sem piedade, ouviram-no chorar de bruços na tenda.

Dava esmolas sem conto, ajudando a pobreza envergonhada, socorrendo até generosamente castelhanos famintos sem olhar a inimizades e querelas. Certo dia entrando numa povoação de Castela, em vez de a guerrear, quis antes ser padrinho magnânimo dum casamento interrompido pelo medo e pela algazarra dos soldados. E mandou aos seus músicos que cantassem para solenizar a festa.

Sofria com as ingratidões e sentia fundamentalmente as desgraças dos seus. O excesso de trabalho causou-lhe profunda melancolia que lhe dava febre e por vezes o derrubava no chão, mormente ao ver homens com cartas. Não podia então comer bocado nem sequer pássaras assadas que sua filha ia partindo aos bocados enquanto a mãe o refrescava com um abano! Quando a filha querida D. Beatriz faleceu de parto o Condestável esteve à morte de pura mágoa... Escrevia cartas à neta — a darmos crédito ao cronista Santana — do convento do Carmo que ele mandara construir e dotar magnificientemente e onde se acolheu a servir a Deus tendo 62 anos de idade.

Veio a morte. Mas a sua acção humilde e caritativa continuou à roda do seu sepulcro. E seguiram-se os milagres manifestos. O povo vinha de toda Lisboa e arredores e cantava e dançava à volta do seu túmulo repetindo palavras que nós hoje podemos rezar, recordando o que foi sua morte, sua vida e seu nascimento faz agora precisamente seiscentos anos:

*Santo Condestabre  
Bone Português  
Salva a nossa grei  
E mais outra vez!*



*«A graça dum esposa faz a alegria  
de seu marido  
e a sua ciência é uma força para ele».*

(Eclesiástico, 26, 13)



NOVOS

*Tomaste-nos  
guiaste-nos segun*

COLEGIO

L  
A  
R  
E  
S



*pela mão direita e  
do a Tua vontade*

(SALMO 72)



do  
P  
O  
R  
T  
O



## A TEMPESTADE

O mar sacode os barcos dos seus ombros  
Como se quisesse ficar livre e nu  
Para consigo dançar os seus abismos.

As ondas empurram as praias procurando  
Espaço para os seus passos.

Há cavalgadas e galope entre os rochedos,  
Passam ordens chamando  
Nomes que nunca identifico  
Entre tanta correria e tanto grito.

O vento desata os seus cabelos azuis  
E avançam como um toiro as nuvens negras  
Enquanto o mar não pára de investir.

Oh o duelo dum só com mais ninguém  
— As praias ficarão cheias de espuma —  
O mar percorre os seus abismos todos.

Ele ergue a pique todos os seus dorsos  
E ordena às ondas que quebrem o pescoço.

Ele abre as quilhas e arranca os mastros,  
Rasga as velas e faz morrer os homens,  
Aços e madeiras desmantela.

Porém quem viu onipotente o mar  
Em sua tempestade e solidão  
Nunca a nós regressou para contar.

Sua secreta fúria se a sabemos  
É pelo rolante gritar dentro dos búzios  
Criando em nós imagens que não vemos.

Este é o grande, o desmedido mar  
Que os naufragos levam espantados  
E lentos em seu olhar.

## CAMINHO

Para atravessar contigo o deserto do mundo,  
Para enfrentarmos juntos o terror da morte,  
Para ver a verdade, para perder o medo,  
Tomei a tua mão neste caminho.

Por ti deixei meu reino, meu segredo  
Minha rápida noite, meu silêncio,  
Minha pérola redonda e seu oriente,  
Meu espelho, minha vida, minha imagem.  
E abandonei o jardim do Paraíso.

Cá fora ao vento agreste e a dia duro  
Sem os espelhos vi que estava nua  
E a descampado se chamava tempo.

Por isso com teus gestos me vestiste  
E aprendi a viver em pleno vento.

## TEMPO PRESENTE

Tempo de solidão e de incerteza  
Tempo de medo e tempo de traição  
Tempo de injustiça e de vileza  
Tempo da negação.

Tempo de covardia e tempo de ira  
Tempo da máscara tempo da mentira  
Tempo de escravidão.

Tempo dos coniventes sem cadastro  
Tempo de silêncio e de mordança  
Tempo onde o sangue não tem rasto  
Tempo da ameaça.

Poetisa desde menina.  
Aluna do Colégio do Porto,  
das primeiras letras ao  
7.º ano do Liceu. Hoje, mãe  
de um encantador ranchinho  
de «cinco».

Embora o seu nome conte  
entre os maiores da Escola  
Nova, gostosamente cedeu  
três poemas inéditos para a  
sua revista CORMARIAE.

Neste instantâneo a vemos  
com uma das filhas mais ve-  
lhas.



Sophia de Nello Bregner Andersen

## AS NOSSAS COLABORADORAS

O mundo é apenas  
saudade do céu:  
estilhaçada, deturpada,  
mas verdadeira saudade.

Por isso, as gotas de chuva  
têm poemas  
e há poetas  
e crianças  
e sorrisos puros.

O mundo é apenas  
saudade triste do céu.

**Maria Violante de Pina — Porto**

A «Gaida» (Margarida M.<sup>a</sup> Lopes Mendonça — Colégio de Lisboa) começou cedo a desenhar. Hoje já tem quinze anos e sonha com a Escola de Belas-Artes





*Uma simples mulher existe que, pela imensidão do seu amor, tem um pouco de Deus; e pela constância da sua dedicação, tem muito de anjo.*

*Sendo moça, pensa como anciã, e sendo velha, age com as forças da juventude.*

*Quando ignorante, melhor do que qualquer sábio, desvenda os segredos da vida, e quando sábia, assume a simplicidade das crianças.*

*Pobre, sabe enriquecer-se com a felicidade dos que ama, e, rica, empobrecer-se para que o seu coração não sangre, ferido pelos ingratos.*

*Forte, entretanto estremece ao choro duma criança, e, fraca, entretanto se alteia com a bravura dos leões.*

*Viva, não lhe sabemos dar valor, porque à sua sombra todas as dores se apagam, e, morta, tudo o que somos e tudo o que temos dariamos para vê-la de novo, e dela receber um aperto de seus braços, uma palavra dos seus lábios.*

DOM RAMON JARA



# MÃE

# O COLÉGIO DA MISS HENNESSEY

## No nosso tempo era assim...

Em local que já não é fácil precisar — tantas foram as transformações que o velho bairro da Picaria sofreu, em três quartos de século — ficava o afamado Colégio da Miss Hennessey. Quando tomou conta dele, pelos meados de oitocentos, já várias gerações por lá tinham passado. O seu talento de educadora e a sua atraente personalidade muito acrescentaram à boa fama que ele já tinha.

Não tardou muito que a sua figura se tornasse tão popular que, a bem dizer, não havia no Porto quem a não conhecesse e venerasse. E quando a viam atravessar a Praça Nova com passo ligeiro e ar atarefado, já sabiam que vinha de esvaziar o seu grande saco preto em casa dos pobres e que ia agora enchê-lo correndo as lojas dos Loios e da Rua das Flores a fornecer-se de artigos escolares ou de preparos para os bordados das suas meninas...

Era irlandesa a Miss Hennessey e duas irmãs suas tinham professado no Instituto do Sagrado Coração de Maria, recentemente fundado em França.

Em Setembro de 1877, após acidentada viagem através da Espanha em rescaldo de revolução, chegava ao Porto uma pequena Comunidade de cinco religiosas. Como Superiora e Assistente trazia as duas irmãs Hennessey: Madre Santa Maria e Madre São Tomás. Assim viu realizado o sonho que acalentara durante anos a bondosa Directora: passar para mãos de religiosas este Colégio que era a menina dos seus olhos.

Bem caro lhe ficou o gosto! O Porto, de ordinário hospitaleiro e generoso, recebeu de má catadura as Irmãs chegadas de Béziers e, um dia, veio apedrejar-lhe as janelas.

Acalmados os ânimos, a vida colégial retomou o seu ritmo normal e sereno. As alunas, que o motim havia afugentado, iam regressando aos poucos, cativadas pelo ar bondoso e agradável das suas novas mestras.

### Da Picaria ao Largo do Coronel Pacheco

Não longe do velho edifício da Picaria, acanhado e pouco higiénico, estava em venda uma bela moradia com uma extensa e aprazível quinta. No Largo do Coronel Pacheco, inicia então o Colégio da Miss Hennessey — como lhe continuarão a chamar os portuenses até 1910 — uma erg de crescente prosperidade, sob a direcção das «Inglezinhas», nome porque eram conhecidas, no Norte, as Religiosas do S. Coração de Maria.

Algumas dessas «meninas» de antanho — hoje venerandas senhoras de cabelos brancos — contactaram-nos as suas recordações do tempo do colégio com a vivacidade e a frescura de um espirito moço. E, num gesto enternecedor, trouxeram-nos os seus **tesoiros**, há que anos guardados em caixas perfumadas, que talvez nunca abrissem sem as orvalhar com uma lágrima de saudade.

Foi assim que chegaram até nós retratos de colegas de uniforme branco e vistosa faixa de honra, tirados por «Fotógrafo da Casa Real»; curiosos grupos de mestras e alunas, em poses estudadas, conforme o gosto da época; jornais com o relato (em quatro colunas!) de **uma sympathica festa escholar**, ou da **solemne distribuição de premios no acreditadissimo COLLEGIO INGLEZ de Miss Hennessey, ao Largo do Coronel Pacheco**.

Tivemos na mão dois programas: um, escrito com apurada caligrafia, de folhas amarelecidas atadas por um cordão de seda azul; outro, impresso, de tempos mais modernos. Ambos assustariam qualquer espectador dos nossos dias, pela sua desmedida extensão! O conceituado periódico portuense «A Ordem» narra exuberante e encomiásticamente o Sarau do dia 24 de Agosto de 1885, realizado n'um salão esplendidamente alumiado e apparatuso. Constou este de dois dramas em três actos, uma peça cômica, três números de canto, quatro poesias e seis músicas de piano a duas, quatro e oito mãos!...

As festas do colégio! Eram um acontecimento importante na cidade. Lá ocorria tudo o que o Porto tinha de mais illustre e representativo na aristocracia do sangue e na das finanças. Nunca duravam menos de umas CINCO HORAS e acontecia até, por vezes, prolongarem-se por mais um ou dois dias... Não admira, por isso, que na citada local de «A Ordem», o jornalista se veja obrigado a confessar: **Razões bastante ponderosas impediram-n'os de ir gosar a continuação ansiosa d'esta festa dramatico-litteraria, que se seguiu na tarde do dia 26, na qual relativamente à já enorme affluência do primeiro dia — segundo nos disseram — foi incomparavelmente superior a enchente**.

Da leitura destes programas e das impressões trocadas com as educandas dos tempos antigos, uma conclusão se impõe: se não era tão vasto como o actual o plano dos estudos, tinha uma orientação bem mais feminina, era mais profundo o ensino do português, da literatura, da história e da geografia. O uso do francês e do inglês era



corrente no colégio, o que as habilitava a representar com â-vontade em qualquer destas línguas.

A grande número de educandas se poderia aplicar, certamente, o elogio que, no jornal, se faz de uma delas: **vocação altamente prometedora, quer nos idiomas, pois maneja correctamente o francez, inglez e alemão, quer no canto e piano.**

Igualmente cuidada era a aprendizagem das chamadas «prendas próprias de uma senhora»: costura, bordados, flores, desenho e pintura, música. Até a dança era ensinada a preceito por professor de fama. Lições **solenemente** presididas pela Miss Hennessey, que exigia que as alunas se apresentassem de luvas e sapatos de baile, o que fazia um pitoresco contraste com o modesto uniforme da semana e o aventalinho de chita que habitualmente usavam...

### O Colégio Inglês há 50 anos

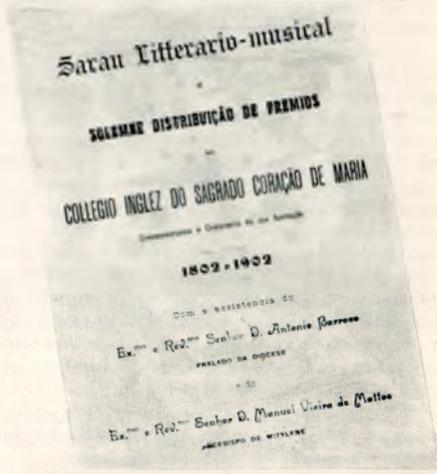
À frente do Colégio Inglês esteve, até 1896, a Madre São Tomás, a qual, por sua grande virtude e invulgares dotes de espírito e de coração, foi uma das colunas do nável Instituto. Começando a afluir as vocações portuguesas, foram estas substituindo, pouco a pouco, as Fundadoras, no cargo de Superiora. A primeira, foi a Madre Maria da Eucaristia Lencastre, filha dos Condes de Alentém, que, à nobreza do nascimento, ajuntou a de uma santa vida.

E começa o período áureo daquela casa tão rica de tradições. Sem trairem a sua missão de Educadoras, não podiam as Religiosas alhear-se do progresso que se verificava, pelo país fora, no campo do ensino.

EM CIMA: 1. No original da interessante fotografia, lê-se: «Collegio Inglez do Sagrado Coração de Maria — Porto, 1905-1906 — J. David, 35, Rue Rivay à Levallois — Paris».

2. Programa da festa do CENTENÁRIO do primitivo COLÉGIO INGLÊS, fundado pela antecessora de Miss Hennessey (1802-1902)

EM BAIXO: 3. O uniforme de cerimónia do S. C. de Maria, em princípios de 1900. Mariette Bayère,



O novo século anunciava-se promissor de reformas e inovações. Nos Colégios do Sagrado Coração de Maria, adaptaram também os planos de estudo às necessidades dos tempos. No Porto, em Braga e em Viseu as alunas cujas famílias o desejavam eram apresentadas a exames singulares no curso liceal.

Nas notas intituladas **O Colégio Inglês há 50 anos**, conta-nos uma «Antiga» estes engraçados pormenores:

— «A desafinada **sonnette** fazia eco à sineta exterior, que bimbalhava, espevitada, para acordar (às 6 horas da manhã!) as **desgraçadas** colegiais, ainda embaladas em doces sonhos de mocidade.

— **Benedicamus Domino!** — exclamava a Mestre. Poucas, muito poucas, respondiam ao ritual **Deo gratias**. A luta com o sono era ainda tenaz.

A seguir, **toilette** rápida, dividida em compassos, pela famosa **sonnette**: levantar, lavar, vestir, fazer a cama, ir para a forma. E lá vai tudo em fila para a capela.

Domingos: um **tormento** capaz de abalar a constância dos maiores mártires! Uniforme de gala para a Missa. No fim do café, dormitório, para envergar o vestidinho de chita azul com pintinhas brancas que, hoje, envergonharia qualquer asilada, mas que, então, era resignadamente usado por todas, mesmo pelas titulares... É que por lá passaram as melhores famílias do Porto, do Douro, e até das Beiras.

Ao meio-dia, nova ascensão ao dormitório, pcr de novo, envergar o vestido de merino branco, e, se a merecíamos, a larga faixa de honra, em **moirée** azul claro, que nos ficava bastante bem. Agora, era a altura de nos dirigirmos ao **salon**, a receber a visita da família, esperada com tanto alvoroço.

Para o Terço e Bênção do Santíssimo, completava-se a **toilette** com um chapelinho **canotier**, branco, poisado no cocuruto da cabeça...

No refeitório, costumes monacais: leitura em voz alta, em livro piedoso, às duas principais refeições.

O **bon ton**, hoje fora de moda, primava em tudo, desde a mesa aos recreios. Mas a alegria da juventude lá estava a amenizar tudo. E não faltavam os ditos espirituosos, as partidas engraçadas, os jogos de bola animados.

E aquela rigidez de regulamento — que não matava ninguém — disciplinava o carácter e preparava para as lutas da vida.» (1).

... ..  
e, uma madrugada de Outubro de 1910, a árvore pujante e viçosa foi brutalmente arrancada do solo portuense, pelo **vendaval revolucionário**.

Mas não morreu!

Em 1926, mãos corajosas a transplantaram, outra vez, para o Porto, para o palacete Boaventura, à Avenida da Boavista.

Por volta de 1945, a casa atingia o número máximo que podia comportar: 300 alunas... O projecto de uma CASA NOVA toma vulto.

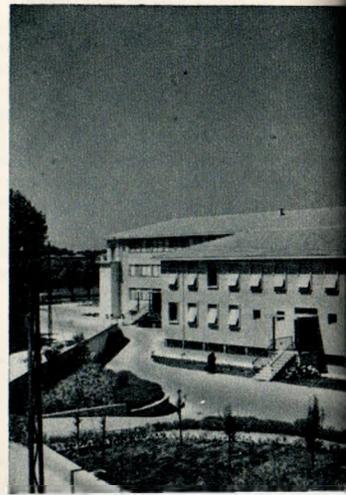
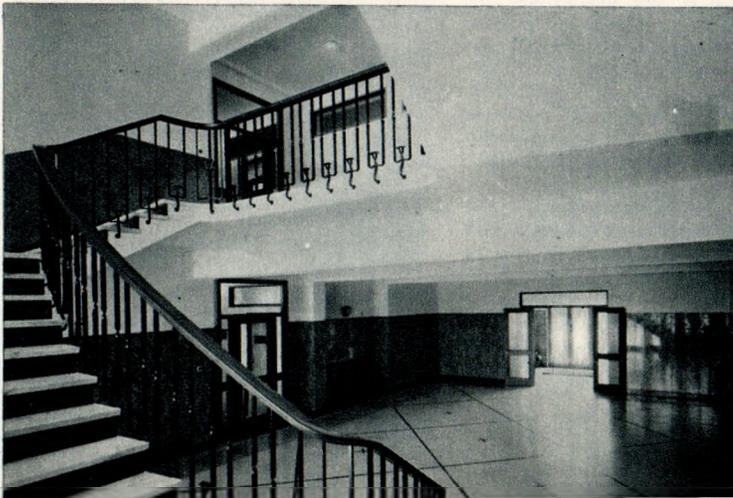
Não tinha, porém, chegado a «hora de Deus».

M. de C., R.S.C.M.

... ..  
1959! O portão abriu-se para deixar entrar centenas de raparigas, todas de azul e branco. Pouco a pouco, o nevoeiro rompeu para me mostrar o jardim cheio de cor e frescura e, depois, a fachada simples mas encantadora do Colégio.

A entrada dava a impressão de um vestibulo da casa de uma grande família. As raparigas diziam «bom dia» ao sorriso suave das Madres. Mal entrei no Colégio, senti-me como em casa. Os pequenitos corriam para a classe infantil; certamente tinham sonhado toda a noite com os castelos de cubos, os jogos, os lápis de cores...

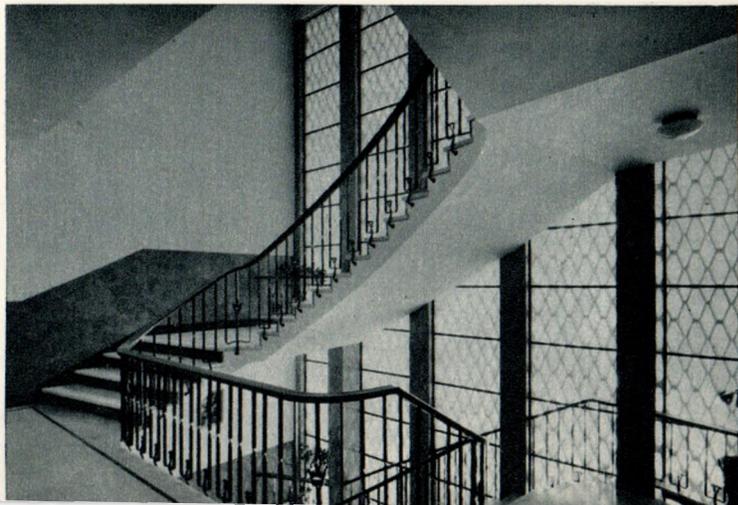
(1) Das notas da Madre Teresa de Jesus Kopke.





# Colégio de N. Senhora do Rosário — PORTO

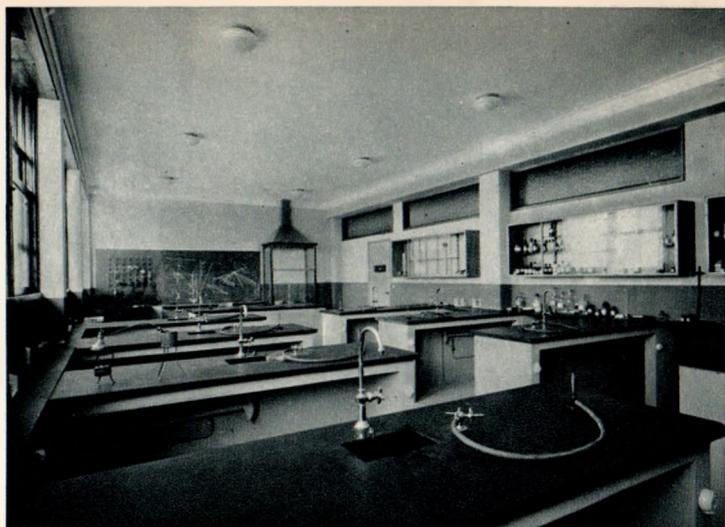
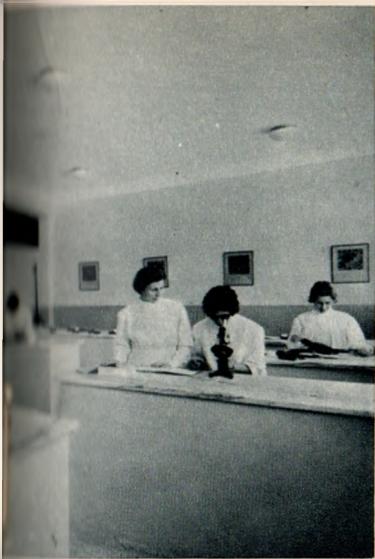
REPORTAGEM FOTOGRAFICA DE TEÓFILO REGO





.Percorri, cheia de curiosidade, os dormitórios, as classes, as salas de espera. Encantou-me o ginásio, grande e alegre, com um palco «de verdade», de cortinados negros e vermelhos. Espirei a enorme cozinha, de aspecto agradável e moderno. Visitei o pequeno paraíso da classe infantil.

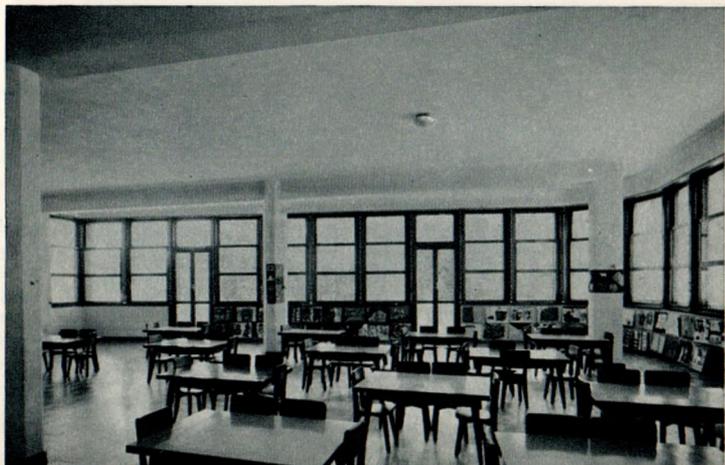
E os laboratórios? Grandes, bem apetrechados, faziam cada uma pensar que não tardaria a ser como... Einstein. Aquí, fazia-se uma experiência terrível de química... Além, adivinhava-se a constituição de um animal. No museu, estudava-se um esqueleto imperturbável. Não faltava nada. Reparei até que, aqui e ali, havia uma nota de bom gosto, um pormenor de beleza, que punha as alunas em contacto com as obras de arte de grandes artistas de todos os tempos.



E quando o dia de trabalho termina e chega a hora do descanso, nem todas se dirigem aos dormitórios. As «grandes» têm os seus quartos alegres e confortáveis.

Chamou-me a atenção a alegria que reinava no refeitório, o aspecto apetitoso das refeições. E fui dar, depois, ao claustro, onde o cruzeiro, banhado da luz dourada da manhã, convidava a pensar. Era o coração do Colégio. Sempre de pé, infatigável e calmo, talhado no granito cinzento, era belo — obra de um artista autêntico.

A última visita — a mais demorada e íntima — foi para a capela. Não ainda a capela definitiva: a adaptação provisória de duas grandes salas, onde não falta gosto litúrgico. Entrava pelas janelas uma luz suave que não perturbava quem queria fugir do ruído exterior.





Nos bancos alinhados, severos e iguais, via-se um terço ou um livro esquecido. O que mais atraía era o altar. Muito sóbrio, de linhas simples, impossível de descrever com palavras. Mas há beleza naquele altar. Ao lado, uma Virgem muito jovem, sorri e segura ao colo o Filho, com o ar ingênuo e plácido que caracteriza as imagens antigas.

A saída, pensei: — «Que clima maravilhoso para uma rapariga crescer e se preparar para a vida o desta casa agradável e moderna, sem extravagâncias nem decorações estranhas. Que bom tê-la conhecido e ter vivido aqui!» Não, o essencial na vida não era aprender fórmulas, mas sim aprender a SER MULHER. E o mais impressionante era que, nesta grande Família, até os corações mais vagabundos o conseguiam.

MARIA CLARA KOEHLER  
(Aluna do 5.º ano)

*Será que a matéria existe?*

*Matéria  
é oposição que sentimos  
quando vamos sonâmbulos.*

*A ausência do espírito  
foi tão forte  
quando a dor quebrou...*

*Somos em absurdo.*

*Além da dor queimada  
há um espaço sem força.*

*Que só existe no tempo  
Que só existe no tempo.*

*Mas além da dor queimada  
há um espaço sem força.*

*Somos em absurdo.*

*Matéria  
é a oposição que sentimos  
quando o espírito é ausente.*

*Matéria  
é a força das coisas impossuídas  
que gritam uma maternidade negada.*

★

*Esperar é dar sentido a todo o movimento  
sem nenhuma razão dentro do tempo.*

*Esperar é já contemplar sem nada possuir  
e possuído de nada estar presente a tudo.*

*Esperar é obscura lucidez  
dum vir a ser.*

*Porque muitos gestos de amor se repetiram  
e nesse espaço fomos concebidos.*

REGINA BRITO  
«Antiga» do Porto

*A minha vida é um paradoxo,  
Dizem...  
Tocam meus lábios borbotões de fel,  
E eu rio...  
É que em meu cerne vibram  
Rumos transcendentalis...  
Deus é em mim!  
E esqueço tudo o mais.*

M. INOCÊNCIA RIBEIRO CRUZ  
Lar de Coimbra

P  
O  
E  
T  
I  
S  
M  
O  
S  
S  
A  
S

*Acorda desse teu sono  
Latente  
E olha a direito para Deus  
Abre as tuas asas transparentes  
E lança-te no espaço  
Sem fim...  
Deixa o teu mundo pequeno  
Vai mais além  
Deixa as cadeias que te amarram  
Sê liberta  
Deixa esse invólucro  
Que te aperta  
E sorri  
Sem querer saber  
Se é Céu ou se é deserto  
O que tens dentro de ti.*

★

*Foram-se pouco a pouco as trevas  
Despertei.  
E da sonolência de que me ergui,  
Foi o teu olhar fixo em mim  
Que encontrei.  
Jogos de luz no começo do meu dia  
Que tão alegremente antevia...  
Mas o véu que se entreabriu  
Caiu  
E de novo anunciou  
O sinal sensível da Tua ausência.  
Nas sombras vivi  
Cansei e amei.  
E quando à noite me recolhi  
Na minha catedral entrei.  
No profundo silêncio em que me vi  
Foi a Ti só que encontrei.*

MARIA G. S.  
R.S.C.M.

*Senhor, não olhes as mãos  
que se erguem para Ti  
doridas de ser humanas.*

*O que tenho para Ti  
(Senhor, não vás recusar),  
é dor de sofrer demais,  
é o que fica de mim mesma  
e que só Tu podes ver.*

*Senhor, não vás recusar  
a oferta da minha dor.  
(Bem pouco é ser-se poeta,  
mas ser poeta é sofrer).*

*Não escondo as minhas mãos:  
Tu sabes compreender.*

M. VIOLANTE DE PINA  
«antiga» do Porto

# O Viajante

que andava em busca de Deus

O viajante tremeu de frio e puxou o chapéu para a frente, pois o vento soprava agora com mais violência. Começava a ficar cansado. Esquecera-se já de tudo. De tudo o que fazia parte da outra vida. Andava a procurá-Lo ardentemente, porque queria perguntar-Lhe onde vivia Ele, que nunca O vira. O cabelo embranquecera-lhe na viagem, os pés tinham pisado neve e flores, flores e neve. Uma teimosia incrível levava-o a procurá-Lo e a aceitar finalmente a derrota amarga dos seus esforços. Seria por o mundo ser tão vasto? Ou por ele ser tão pobre?

O vento parou e deixou ouvir as gargalhadas dos corvos. O viajante olhou para o lado e viu uma mulher com o manto mais negro que a noite.

— Também O procuras?

E ela riu trocista.

— Oh! Pára! Eu sei quem és. Leva-me contigo até Ele!...

Ela voltou a rir, a rir, debaixo do manto que o vento fazia dar voltas e mais voltas, e depois desapareceu.

O viajante compreendeu por que ela não o quisera levar. Enterrou mais o chapéu e apressou o passo. A noite começava a tornar-se mais negra mas para ele ainda era cedo...

As pedras cinzentas do mosteiro abandonado recortavam-se no horizonte perdido da noite. Ervas ruins como pecados cobriram o chão e os muros àvidamente. O poço jazia seco e triste. O viajante não queria dormir, porque não podia esperar.

Os primeiros raios do luar brincavam pelos vitrais partidos e vinham brincar nas teclas do órgão desfeito, na pedra do altar. Os passos do viajante deixaram de se ouvir.

— Que desejas?

O viajante voltou-se assustado.

— Oh!... É uma estátua de granito! Não tem vida!...

Baixou a cabeça e voltou as costas alquebradas... O cansaço enlouquecia-o. Queria fugir. Fugir para a noite que se estendia.

A voz do monge voltou-se a ouvir. Maravilhosamente suave.

— Que procuras?

O viajante soluçou e gritou:

— Oh, diz-me onde Ele vive. Há milénios que O procuro.

O monge sorriu e esperou que o eco se perdesse no mosteiro.

— Não precisas de O procurar, porque Ele viveu sempre junto de ti naquilo que era Belo.

— Mas... E agora? Tenho de voltar para trás?

— Não é preciso. Estás cansado e...

— Mas... E Ele? Não estará triste, zangado comigo?

O monge ajoelhado curvou-se mais e sussurrou enternecido:

— Não. Está contente e espera-te.

.....  
No dia seguinte, quando o galo cantou, um lenhador foi buscar o machado que na véspera guardara no mosteiro. Ficou suspenso quando viu uma figura deitada nos degraus do altar, com o sorriso feliz dos Bons que dormem o sono da Morte. Ao lado, a estátua dum monge velhinho, muito curvado, parecia viver uma oração eterna.



# O INFANTE D. HENRIQUE

## Educador de Povos

Personalidade complexa, a do Infante D. Henrique!  
Compraz-nos olhá-lo agora como **MODELO DE EDUCADOR**, no dom total de si mesmo.

D. Henrique foi, acima de tudo, **DOAÇÃO**. Soube sacrificar, não só os gostos mais legítimos, como ainda o descanso necessário, num dispêndio de energias mais intenso «do que permitia a força humana»:

*Oh! quantas vezes o achou o sol assentado naquele lugar onde o deixara o dia dantes, velando todo o arco da noite! (').*

E de tal maneira o seu trabalho era aturado que, submetido o corpo a uma vida de privações e austeridades, quase que tomava uma segunda natureza, uma forma própria:

*Duvidoso seria de contar quantos pares de noutes seus olhos não conheceram sono, e o corpo assim austinado, que quase parecia que reformava outra natureza (').*

*Certamente eu creio que se a fortaleza se pudera pintar, no seu rosto e nos seus membros se pudera achar a verdadeira forma (').*

E os trabalhos eram tais e tantos, que quebrantavam as altezas dos montes (').

Porém, qual fortaleza pode ser maior do que a daquele que se vence a si mesmo? (').

Longo da corte, vivendo vida solitária, num esquecimento total da sua pessoa, «contentava-se com ser promotor oculto» da sua obra, de tal maneira que «ler a história da vida de D. Henrique é ler o que outros homens fizeram inspirados por ele» (').

É este — a meu ver — o principal traço do perfil de Henrique o Educador, que fez do dom total uma consagração em caridade, ao serviço dos outros, particularmente dos seus colaboradores, aos quais comunica a cada momento a chama do seu Espírito, numa presença invisível, mas não menos eficaz.

Onde encontrar o segredo de tal heroísmo, de um tal desapego da vida?

!Nessa convicção íntima de que Deus o tinha escolhido para serviço da Sua Casa, para através dela realizar grandes coisas — feitos de Deus por Henrique! — é que os grandes arrojos, sobretudo os da «pequena Casa Lusitana», se radicam em profundas convicções, onde não há desagregação do ser, em que todas as energias se centralizam pelo dinamismo de uma ideia, que toma corpo — num prodigioso mistério de incarnação.

E uma ideia incarnou o Infante:

Cavaleiro de Deus e da Virgem, educado na Escola de Nun'Alvares, herdeiro do espírito de São Luís — seu padrinho! — nele, o serviço de Deus da luta contra o infiel sublimava-se em acendrada **Vocação Missionária**:

*A quinta razão [dos descobrimentos] foi o grande desejo que havia de acrescentar em a santa fé de Nosso Senhor Jesus*

Nenhuma nação pode considerar-se estranha à obra do Infante. O mundo moderno é o que é, graças à sua acção genial e heróica.

CARDEAL  
GONÇALVES  
CEREJEIRA



Cristo, e trazer a ela todas as almas que se quisessem salvar, conhecendo que se não podia ao Senhor fazer maior oferta (\*).

Queria saber se se acharia em aquelas partes alguns príncipes Cristãos em que a caridade e amor de Cristo fosse tão esforçada que o quisessem ajudar contra aqueles inimigos da Fé (\*). E que é Vocação Missionária, senão Vocação de Educador?

#### MISSIONAR — EVANGELIZAR — CIVILIZAR — EDUCAR.

Onde [D. Henrique] explorou, o seu objectivo foi evangelizar, civilizar e educar os *ingénuos selvagens* com os quais os seus navegantes entravam em contacto. Enviou mestres e *pré-gadores* ... Educou crianças indígenas para virem a ser evangelizadoras do seu próprio povo ... e empregou os seus melhores esforços para lhes mostrar um nível de vida superior (\*).

E que Estrela o conduziu por mares ignotos que, numa arrancada heróica, haviam de ser semeados de luz e de verdade?

A Estrela que guiou o Infante foi a Virgem Maria e, então, se lhe depararam *novas estrelas, novos homens e novos mundos!*

E Ela aí está ainda a guiar os discípulos de Henrique...

SANTA MARIA DE BELÉM

SANTA MARIA DE GUADALUPE

SANTA MARIA DOS AÇORES

...a abraçar Portugal daquém e dalém mar, a defendê-lo no berço, a medir-lhe os passos de GIGANTE:

SANTA MARIA DA ASSUNÇÃO

SANTA MARIA DE ALJUBARROTA

SANTA MARIA DE CEUTA

É que o Infante, pelas terras descobertas ia edificando santuários marianos, onde a Senhora fosse a Guardiã das novas cristandades, a Estrela das gerações vindouras.

É que as gerações vindouras também haviam de sonhar *com novos mundos...*!

SONHAR DOS SONHOS DO INFANTE!

Não de um Infante sonhador fantástico, mas do INFANTE VISIONÁRIO que adivinha mundos invisíveis para além do olhar parado dos «ingénuos selvagens» que ele vai educar, osando fazer deles os educadores dos seus irmãos.

Com verdade o Poeta escreveu, numa fina penetração da intuição genial do Infante Navegador:

*O sonho é ver as formas invisíveis  
Da distância imprecisa e, com sensíveis  
Movimentos da esperança e da vontade,  
Buscar na linha fria do horizonte  
A árvore, a praia, a flor, a ave, a fonte —  
Os beijos merecidos da verdade.*

FERNANDO PESSOA

O longe abria-se-lhe já *em flor*, abria-se-lhe a terra *em sons e cores*.

As noites que passaste em *vigília* são já alvares dum novo dia. — Não foi preciso que os turcos tomassem Constantinopla para que surgisse a Idade Moderna!

O teu dom total, a tua perseverança abriram caminho à nova *pléiade* de Heróis.

E Portugal movimentou-se pela *força* prodigiosa do teu braço, pelo vigor da tua inteligência, pela audácia da tua vontade, mas sobretudo, pelo teu dom total — porque acreditaste na *grandeza* sublime da tua missão de EDUCADOR DE POVOS, porque soubeste que não basta *SERVIR* — *Talent de bien faire* — mas que é preciso *BEM SERVIR*.

E para *BEM SERVIR* — como serviu, — foi necessário que o Infante, antes de mais, se tivesse dado arduamente à tarefa formativa de si mesmo, que tivesse formado em si o Homem, para depois poder formar outros homens, que lhe completassem a sua estatura, completando-lhe a obra, visto que a obra não era senão o seu «eu» concretizando-se para além de si mesmo em transcendência cristã.

E foi na renúncia, na aspezeza da vida quotidiana, negando à sustentação do seu corpo o próprio alimento, que se foram vincando os traços da sua personalidade de Educador:

*Quase a metade do ano passava com jejuns* (\*\*).

E por esse motivo — não que precisasse de se privar para dar, mas movido pelo mesmo impulso da sua alma religiosa,

*As mãos dos pobres nunca partiram vazias de ante a sua presença* (\*\*).

Vida cheia de austeridades, a deste Infante imortal, D. Henrique.

*Certamente que católico nem religioso príncipe eu não saberei achar outro que a aqueste possa fazer igual* <sup>(12)</sup>.

E, noutro lugar, o Cronista insiste:

*Este foi o príncipe sem coroa segundo o meu cuidar, que mais e melhor gente teve de sua criação* <sup>(13)</sup>.

*Seu coração nunca soube que era medo, senão de pecar* <sup>(14)</sup>.

Decisão e coragem podiam os seus colaboradores beber a largos haustos na taça do Infante — «varão verdadeiramente grande, de tão largos espíritos, e de tão elevada ideia» <sup>(15)</sup>.

Receavam os navegantes o Mar Tenebroso? Gil Eanes hesitava? Não havia mais que fazer-se às ondas. O exemplo do Príncipe assim mandava.

Que outra atitude tomou o Herói de Aljubarrota, ao increpar os derrotistas seus contemporâneos que receavam lutar contra Castela?

*Atai as mãos a vosso vão receio*

*Que eu só resistirei ao jugo alheio.*

«Lusladas», IV, 18

Donde pensava que tudo era abismo e perigo trazia Gil Eanes «rosas de Santa Maria». Não lhe faltava também a fortaleza de coração e a agudeza do engenho [que] foram em ele em mui excelente grau» <sup>(16)</sup>.

Era «constante nas adversidades» — diz ainda Zurara, — «e nas prosperidades humildoso» <sup>(17)</sup>. Admirável atitude de alma que soube comunicar aos seus discípulos:

*A alma é divina e a obra é imperfeita.*

*Este padrão [de Diogo Cão] sinala ao vento e aos céus*

*Que, da obra começada, é minha a parte feita:*

*O por-fazer é só com Deus.*

FERNANDO PESSOA

«O gesto assossegado e a palavra mansa» — humanizavam aquele Gigante dos Mares, — «largo de espáduas, robusto, os cabelos quase crespos, o aspecto severo e grave», mas cujas palavras de indignação não passavam de: «Dou-vos a Deus, sejais de boa fortuna» <sup>(18)</sup>. E que tanto se sensibilizava ao ver a crueza com que, ao mercadejarem os escravos, separavam pais e filhos. Por seu Cronista sabemos ainda que «os criados do Infante não estavam autorizados a combater senão em defesa própria. A missão deles era travar relações com estas boas gentes «em boa paz e concórdia e com o seu beneplácito, e convinha-nos adquirir essa paz com arte e não por força» <sup>(19)</sup>.

A um Educador de tal envergadura, não surpreende que todos se achegassem, a participar do seu saber e da sua experiência:

*Sua casa foi um geral acolhimento de todos do Reino, e muito mais dos estrangeiros... comunalmente se achavam em sua presença desvairadas nações de gentes tão afastadas do nosso uso, que quase todos o haviam por maravilha* <sup>(20)</sup>.

«Escola de virtuosa nobreza, onde a maior parte da fidalguia deste reino se criou» <sup>(21)</sup>, lhe chama João de Barros. E Caetano de Sousa: *seminário do valor, onde se criaram fidalgos, e homens dignos do seu exemplo e que pelas suas empresas se fizeram conhecidos no mundo* <sup>(22)</sup>.

A par do Infante Visionário, a que acima nos referimos, caminha o Infante Estudioso, protector dos Estudos:

*deu o seu próprio Paço de Lisboa para nele se formarem aulas públicas* <sup>(23)</sup>.

Possuidor de uma intuição invulgar do valor prático das coisas e dos meios para as conseguir, foi ele o criador da arte de navegar que, mais tarde, transformada numa ciência nova, e adaptada por estrangeiros, veio a atingir a perfeição actual <sup>(24)</sup>.

Tendo posto toda a sua capacidade ao serviço dos outros — «grande amor houve sempre à causa pública destes Reinos» — que admira que «fosse amado de todos?» <sup>(25)</sup>.

E porque desde o início da sua carreira, o Infante se recusou a aceitar honras não conquistadas com o próprio esforço <sup>(26)</sup>.

*do seu valor serão testemunho as Praças de Ceuta, Arzila, Alcácer e Tânger, e das suas virtudes o será eternamente a História, em que é universalmente louvado, não só na Portuguesa, mas na de outras nações, com imortal memória do seu nome* <sup>(27)</sup>.

Valores de «dimensão humana» e valores de «transcendência divina» se uniram para formar nele uma excepcional personalidade de Educador — em tudo semelhante à Educadora da «Inclita geração de Altos Infantes».

INFANTE NAVEGADOR — INFANTE EDUCADOR

*As terras e os mares estão cheios dos teus louvores!* <sup>(28)</sup>



Irmãozinhos  
 ninho de passarinhos  
 a chilrear  
 sol a pino  
 todo o dia  
 no Lar





Não palmilharam selvas virgens nem sulcaram mares ignotas. Essa foi, no entanto, a missão que lhes coube em sorte no ano da graça de 1920.

Os primórdios da história do Colégio de Aveiro, conta-os assim uma cronista:

«Pioneiras dos colégios religiosos fundados após a Revolução, já em Outubro de 1920 se abalançavam as Religiosas do Sagrado Coração de Maria a retomar, em Portugal, os labores escolares interrompidos em 1910.

A sombra da vasta Igreja Paraquial de Espinho — onde o sorriso de Nossa Senhora da Ajuda parecia convidá-las à esperança — abriu o seu primeiro colégio.

A maternal ajuda não se fez esperar: no dia da entrada, tiveram umas 100 alunas, e, em pouco tempo, elevou-se a mais de 160 o número das internas. O externato obtinha o mesmo êxito.

Mas, numa época em que a perseguição religiosa não havia ainda amainado, que alarmes e que cuidados não dava a gerência de um colégio!... A prudência impunha que as Religiosas vestissem à secular e que

nada traisse o seu verdadeiro estado. Mal podiam rezar com as alunas; o catecismo era ensinado, a estas, na Igreja Paraquial e, ali, assistiam à Missa nos Domingos e dias santos. Ter capela em casa seria ousadia intolerável, segundo a **liberdade de pensamento**, que era norma dos governantes de então (1).

TamANHOS entraves e aflições não impediram o colégio de atingir rapidamente uma notável prosperidade. Havia dez anos que o Governo da República expulsara do País todas as Ordens e Congregações Religiosas. Fechados os colégios onde se educava uma numerosa juventude, pusera-se às famílias católicas o dilema de enviar as filhas para o estrangeiro, ou de as matricular em estabelecimentos de ensino que pouca confiança lhes inspirava, quer sob o aspecto religioso, quer mesmo — salvo raras excepções — sob o aspecto moral.

Compreende-se, portanto, o alvoroço com que foram recebidos esses colégios que, audaciosamente, iam surgindo, aqui e além, reatando uma antiga e apreciada tradição.



AS  
 «VETERANAS»  
 DA  
 1.ª GERAÇÃO  
 1 9 3 0

## Colégio do S. Coração de Maria AVEIRO

Todavia, em Espinho, o declínio foi tão rápido como a prosperidade. Com a sucessiva abertura dos colégios de BRAGA (1921), PORTO (1926) e GUARDA (1927), numerosas foram as alunas do Colégio de Nossa Senhora da Ajuda que transitaram para aqueles que mais próximos ficavam de suas famílias.

Por estas e outras razões que a Providência determinou, no Verão de 1928, o colégio en-

cerrava as portas em ESPINHO e abria-as...  
 ...em AVEIRO

Pelos fins de Julho, começaram a andar num vaivém, pela estrada de Espinho a Aveiro, grandes camiões carregados de mobiliário e de malas, de caixotes e de materiais de construção. Com azáfama se procedeu às indispensáveis obras de adaptação no antigo e acreditado Colégio Moderno, fundado pelas bondosas Senhoras Montenegros, e cuja suces-

são passava, agora, para as mãos das Religiosas do Sagrado Coração de Maria.

Colocaram o novo colégio sob o patrocínio de **Nossa Senhora de Fátima**, e abriu o ano lectivo com um grupinho de internas do Colégio de Nossa Senhora da Ajuda, que viera juntar-se às alunas de Aveiro.

Aqui, esperava-as uma grande decepção: o ambiente era-lhes adverso, a frequência diminuta. A ventos contrários, já



NUMA  
 REUNIÃO  
 DE  
 «ANTIGAS»  
 1 9 4 0



vinham afeitas; mas que penoso o contraste com a enchente que, poucos anos antes, as surpreendera em Espinho!

Lentamente, a situação foi melhorando. Em 1939, dava-se um acontecimento de suma importância para a vida religiosa da cidade: a restauração da Diocese de Aveiro. A acção eminentemente apostólica do grande Prelado que foi D. João

Evangelista de Lima Vidal, modificou muito o ambiente.

O vento bonançoso que sopra na diocese e que a impele para arrojados acometimentos e reformas, no campo religioso, faz-se também sentir na capital do distrito.

Aveiro desenvolve-se e progride, a olhos vistos. No mesmo ritmo animador, o Colégio vai-se desenvolvendo e progredindo.

O velho edifício, à Praça do Marquês de Pombal, já não satisfaz as modernas exigências pedagógicas, nem comporta a crescente população escolar.

Em 1957, o Colégio instala-se em novo edifício, mesmo à entrada da cidade, na avenida magnífica que liga a estação ao centro de Aveiro. E assim inicia o terceiro período de uma história que não tardará a perfazer quarenta anos.





Não há mais sugestivo rememoração das suas tradições, do que a obra que acompanha



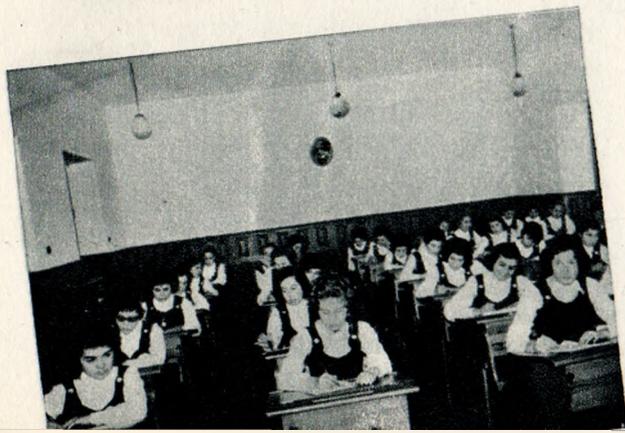
## O COLEGIO NOVO

No dia 16 de Março de 1958, foram inauguradas oficialmente as novas instalações, presidindo ao acto o Venerando Prelado, acompanhado do Rev.<sup>mo</sup> Vigário Capitular, de alguns sacerdotes, das autoridades locais e de numerosos convidados.

Terminada a Santa Missa, foi servido um copo-d'água e, às 15 horas, realizou-se a sessão solene, na qual discursaram o Rev.<sup>mo</sup> Vigário Capitular, a antiga aluna Maria Fernanda Nunes, e a Rev.<sup>a</sup> Madre Provincial.

Sua Ex.<sup>o</sup> Rev.<sup>ma</sup> o Senhor Bispo de Aveiro encerrou a sessão com palavras de louvor para a obra realizada pelas Religiosas do S. C. de Maria, a bem da Cidade e da Diocese, e desejando prosperidades ao novo Colégio.

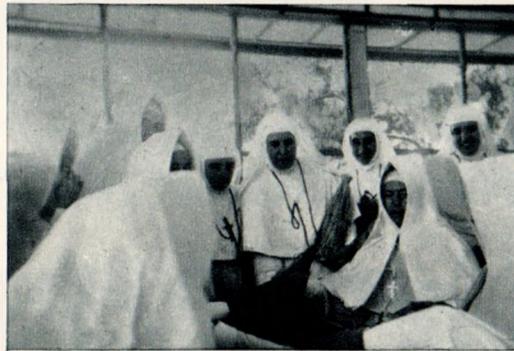
Comemorando a data da inauguração foi entregue um generoso donativo para o Património dos Pobres.





para estas singelas NOTAS  
Espinho e do colégio herdeiro  
relance de olhos às gravuras  
estas páginas





## Retalhos da vida da

### Viagem mistério

A noite, estava calma, normal, indiferente. Mas o extraordinário chegou. Foi a Irmã que atendera o telefone quem o trouxe: da Polícia pediam albergue para três crianças de proveniência desconhecida, encontradas sôzinhas no combolo.

Acertámos os três aventureiros: dois rapazitos e uma pequenita, que não sabiam dizer donde vinham, nem quem eram os seus pais.

Passaram dois dias. Mas quanto a saber a origem dos três pequenitos de ébano, nada de novo. Entretanto, eles corriam e brincavam ruidosamente no pátio. Mas os garotitos, bem portugueses ao que parece, tinham sede de aventuras e, um dia, fugiram. As empregadas ainda conseguiram apanhar a menina.

Dias depois, os dois voltavam à procura da pequenita. Retivemo-los. Avisou-se a polícia. E lá foram os dois vadiozitos presos...

Correram meses. Num lindo dia, apareceram os pais da Julinha com os filhitos. Que idade tem a menina? Nem os pais o sabem! Seis anos, talvez?...

Tem um rostozinho, simpático, de feições correctas, olhos inteligentes e submissos.

E que perfeição em tudo o que ela faz! E como ela gosta de ajudar!

Sem reclames de viagem turística, foi a Julinha quem fez uma verdadeira *viagem mistério*, a grande aventura que lhe mudou bruscamente o rumo da existência. E agora, a Julinha vai ser *gente*: assistirá às aulas com as meninas do Colégio, logo que as férias acabem.

Catarina de Jesus  
R. S. C. M.

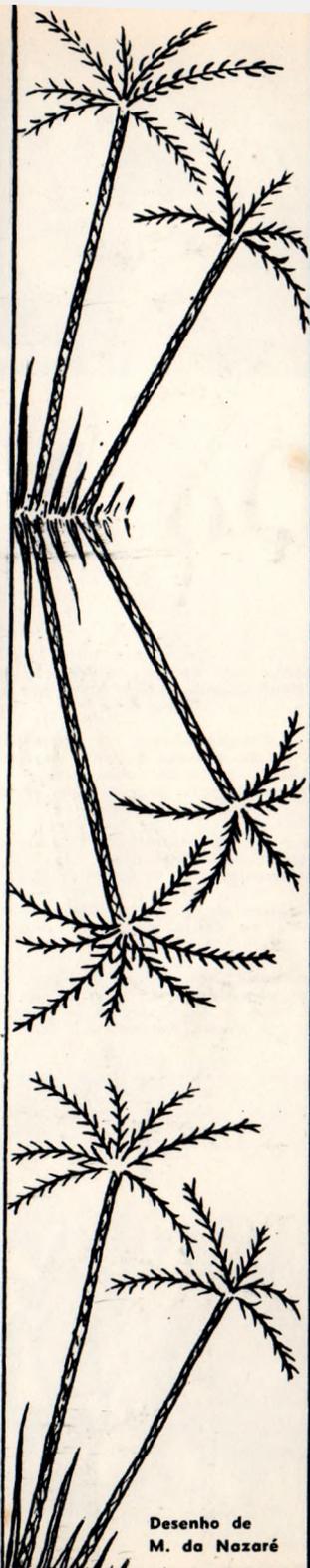
### Linguagem expressiva

Uns miuditos indígenas andavam a ajudar nas obras do jardim. A meio da tarde, cansadinhos de apanhar pedras, sentam-se no chão.

— Estar muito cansado e ter fome — disse um.

— Então não almoçaram bem? — perguntou a Irmã.

— Sim, comer até bastar, mas já se sentar tudo!...



## as nossas missionárias

### Sexta-feira Santa

Tarde de Sexta-feira Santa. Ca-minhava em silêncio, a contemplar o grande mistério de Amor daquele dia quando, ao passar pelo Hos-pital, entrei.

Parei diante de uma cama, onde estava estendido um corpo muito magro.

— Estar mal, minha Irmã. Já é a segunda vez que baixou; não es-capas», disse o enfermeiro indígena. Aproximei-me da cabeceira.

— O que tens, João?

— Minha Irmã, o peito doer e ter tosse.

Tirei o meu crucifixo e disse: **Namosina Mulugu?** (Conheces a Deus?).

Grande foi a minha surpresa quando saiu daqueles lábios um grito de Fé:

**«It is God; it is the Son of God!»** Estremei! Era a primeira vez que ouvia a minha língua falada por um indígena.

— João, queres ser amigo de Jesus? Queres que a tua alma fique linda na graça de Deus?

— Sim, minha Irmã.

Expliquei-lhe as principais ver-dades da Fé e ensinei-o a pedir perdão.

— João Maria, eu te baptizo em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo.

Dois dias depois, aquela alma voava para o Céu!

**Maria Verónica, R.S.C.M.**

### O vestido azul

Na última visita às tembas, en-contrava-se, no meio dum grande grupo de crianças, uma mulher, **maningue cakucano** (muito velhinha), que se mostrava impaciente por não chegar a sua vez. Percebendo a sua agitação, a Madre Ascensão apressou-se a procurar, entre as poucas peças de roupa que lhe restavam, alguma coisa que lhe servisse. Ainda foi a tempo! Encontrou um vestido de seda azul, muito em moda e deu-lho. A **Baile** — é assim que se chama a velhinha — ficou tão contente com a prenda que, sem mais, tirou a **capulana** (única peça que a cobria) e procurou enfiar o vestido. Mas tivemos que ir em seu auxílio: ficava-lhe muito apertado. E como não tinha mangas e era muito fresco, resolvemos pôr-lhe uma capa branca, que lhe ficou a matar!

Então, a **Baile**, no auge da ale-gria, repetiu vezes sem conta o seu «muito obrigadas», acompanhado das características vénias com que os indígenas revelam a sua gra-tidão.

**Benigna de Jesus, R.S.C.M.**

Desenho de  
M. da Nazaré



1

2

# Do Nosso Album

**BRAGA** — 1, 2 — Encerramento do ano escolar (1958-1960), com solene distribuição de prémios, presidida pelo Senhor Arcebispo e autoridades civis

9 e 11 — Antigas alunas na inauguração do Ginásio e Lar, e numa Reunião da Associação CORMARIAE, particularmente activa e florescente, neste Colégio, com as suas obras apostólicas e missionárias

**LISBOA** — 3 — Na comvente carismónica da I.ª Comunhão das pequeninas, seus Pais acompanharam-nas à Sagrada Mesa

4 — Religiosas do S. C. de Maria que tomaram parte no Curso de Férias realizado no Colégio

5 e 8 — Numa Reunião de Antigas, onde se achavam representadas, não só a moderna geração, mas a dos Colégios do Porto, Braga e Viseu, anterior a 1910

7 — Reunião dos Pais — iniciativa que encanta Pais e Filhas

8 — A Virgem Peregrina no Colégio — Visita solenizada com Missa campal por S. Ex.ª Rev.ª o Senhor Bispo de Febrina

**AVEIRO** — 10 e 12 — A presença alegre e amiga das «Antigas» na inauguração do Colégio novo

13 — **COIMBRA** — Este Lar teve o gosto de hospedar, neste Verão, a Rev. Madre Benedicta, doutora em letras e Directora da Secção da Educação («Chairman of the Education Department») em «Marymount College» E. U. Colaboradora de várias revistas, veio tomar parte no Curso de Férias da Universidade de Coimbra e documentar-se sobre assuntos de educação

(Ver NOTICIARIO, pág. 76).

3



4





11

12



6



# COLEGIO-LICEAL de QUELIMANE

## MOCAMBIQUE



Fundado em 1952, pela Rev.<sup>a</sup> Madre Inês de Jesus — alma incendiada em apostólico zelo — este Colégio tomou tão rápido incremento que logo se impôs a necessidade de construir um edifício amplo e moderno. Este, só veio a ser inaugurado após a morte da fundadora, a 24 de Junho de 1959. A brilhantíssima cerimónia teve a presidi-la Sua Ex.<sup>a</sup> o Ministro do Ultramar, acompanhado de sua Ex.<sup>ma</sup> Esposa. Estiveram presentes Sua Ex.<sup>a</sup> Rev.<sup>ma</sup> o Senhor Bispo de Quelimane, o Ex.<sup>mo</sup> Sr. Governador da Zambézia e sua Ex.<sup>ma</sup> Esposa, autoridades civis e eclesiásticas da cidade e muitos convidados

No dia da trasladação, Religiosas e Alunos prestam homenagem à saudosa memória da Rev.<sup>a</sup> Madre Inês de Jesus





## MORRUMBALA

— Terra de Promissão...

A cerca de 200 quilômetros de Quelimane — distância que, na imensa África, se tem por curta... — fica o Internato Indígena Feminino de MORRUMBALA, integrado na MISSÃO DE S. JOÃO BAPTISTA, dirigida pelos Padres Capuchinhos. Pela sua característica de «autêntica Missão» é posto muito ambicionado.

A própria viagem até Morrumbala já tem, com frequência, um cunho acentuadamente **missionário** de riscos e imprevistos: temporais e inundações transformam súbitamente os caminhos em charcos lamacentos, onde a estafada carrinha tem de navegar sem velas nem leme... E, se uma indesejável «panne» obriga a passar a noite em plena selva, a missionária viajante terá a embar-lhe o escasso sono a desarmônica orquestra dos uivos das feras... A travessia dos rios faz-se num batelão, que **passa tudo**: carro, viajantes e bagagens. Passa ou... descarrega, antes da margem a **preciosa carga** (como já aconteceu a certa missionária) proporcionando-lhe inesperado mergulho!...

De tudo isto já provaram as nossas Irmãs de Moçambique e também da rude decepção da fuga de algumas pretinhas recém-chegadas à Missão, ou do regresso aos costumes pagãos de outras em quem punham as melhores esperanças, após anos de estadia no Internato.

Mas, para a Missionária, as dificuldades são estímulos e o desbravar de terra selvagem a sua melhor recompensa. E, já vai colhendo os primeiros frutos de uma espe-



Primeira Sessão Solene da J. O. C. indígena, presidida pelo Prelado, a 21 de Dezembro de 1958. Fundado, pouco depois da chegada a Moçambique, por uma religiosa ex-Dirigente da J.E.C.F., tanto a J.O.C., como a J.E.C. (masculina e feminina) estão florescentes em Quelimane, provando-se que os métodos da **Ação Católica** são um magnífico instrumento de **Ação Missionária**.

No Colégio — por meio da catequese às crianças e adultos, ou nas visitas ao hospital e às «tembas» (aldeias) — as Religiosas dão-se a um intenso labor missionário.





1



2



3



## VIDA COLEGIAL em Quelimane

1 e 9 — BODAS DE PRATA SACERDOTAIS de Sua Ex.<sup>a</sup> Rev.<sup>ma</sup> o Senhor Bispo de Quelimane — foram celebradas no Colégio com uma festa de acentuado cunho espiritual e artístico

5 — JOGOS FLORAIS — A autora do conto «Vai-sózinho» Madra M. de Pazzi, recebendo o seu prémio

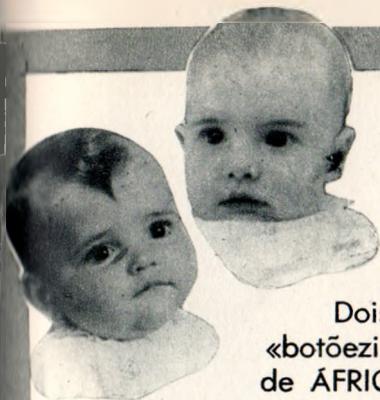
2, 3, 4 e 11 — BIBLIOTECA E LABORATÓRIOS — Colégio-Liceal misto, a característica do ambiente escolar é o espirito de família e de leal camaradagem

6 e 8 — AO 1.<sup>o</sup> CASAMENTO DE DOIS EX-ALUNOS dignou-se presidir S. Ex.<sup>a</sup> Rev.<sup>ma</sup> o Senhor Bispo. O noivo honrou a equipa desportiva do Colégio com o título de «Campeão de Nataçõ de Moçambique e Nacional de Juniores»



5





Dois  
«botõezinhos»  
de ÁFRICA...

7 — OUTRA «ANTIGA» que fundou um novo  
lar, em 1959

10 — DIA DA MÃE — Aspecto da festa no  
Ginásio do Colégio

12 — A CATEQUESE nas «tembas» dos ar-  
redores de Quelimane



9



10



7

6



11



12



Nas tuas  
Sen  
está o  
Des



GUARDA



GUARDA



GUARDA



GUARDA



LISBOA



PORTO



mãos  
hor  
nosso  
tino



# GURUÊ paraíso da nossa AFRICA

O GURUÊ — ou Vila Junqueiro — é uma região de deslumbrante beleza. A perder de vista, as Plantações de Chá estendem-se, por montes e vales, num imenso e aveludado tapete, que tudo cobre com a sua graciosa vegetação.

Aqui e além, alteiam-se frondosas mangueiras e palmares esguios, a recortar caprichosamente a paisagem.

Por todos os lados, brotam rios caudalosos — fios prateados pelo sol tropical — que se despenham em maravilhosas cataratas, pelas encostas verdejantes.

De longe em longe, avista-se uma casa branca e airosa — a lembrar o saudoso torrão natal, ou os grandes aglomerados das Fábricas de Chá — a riqueza do Guruê. Há hortenses a ladear estradas e cachos de rosas a trepar pelas paredes. A amenidade do clima permite a cultura de flores ordinariamente raras em África.

E foi nesta região paradisíaca que as Religiosas do S. C. de Maria fundaram um Colégio, a convite dos principais proprietários e habitantes do Guruê. Para a construção do belo e confortável edifício onde hoje se educam os seus filhos, todos contribuíram generosamente. Aberto há pouco mais de dois anos, a sua população escolar já ascende a perto de uma centena de alunos.

Além das lides escolares, as Religiosas de Vila Junqueiro dão-se ao apostolado entre os numerosos indígenas que habitam nas Plantações de Chá.

As nossas Universitárias — em cima: estudantes de Angola e Moçambique; em baixo: estudantes goesas



*Situação privilegiada  
esta a de estar cá em cima!...*

*E não há poços d'água  
e não há gritos de gente,  
não há problemas de trânsito,  
nem ter de estar contente.*

*As casas perdem-se na mancha sincrética  
da visão de quem olha daqui...  
perdem o contorno,  
a irregularidade,  
a limitação.*

*São manchas de cor  
que mal lembram  
o motivo da sua existência,  
e que, em cada uma,  
há razão suficiente  
para o não esquecer...*

*O rio, agora,  
é branca toalha de luz...  
E quem ousará afirmar  
que também é lodo e pedras?*

L i s b o a



Ver NOTICIÁRIO

*Sim, aqui sinto-me bem  
— liberta do pormenor,  
da particularidade duvidosa —  
E renovo-me,  
enquanto lá fora  
as horas caem  
brônzeas, monocórdias,  
no eco da minha distância.....*

ERCÍLIA EMA

**Residência Universitária Feminina  
«Cormariae»**



# Lares universitários



1.º PRÉMIO...



CARNAVAL  
1960

C o i m b r a

TRES DIAS

DUAS ÉPOCAS

O Retiro e o Carnaval são duas épocas que, pelo seu contraste, melhor revelam o equilíbrio e harmonia do nosso Lar.

O ano principia e, com ele, uma nova tomada da consciência. **Três dias** de Meditação sobre o sentido profundo da vida. O silêncio impõe-se, sem darmos por isso, num ambiente de paz, de calma, de serenidade e de força. É esta força que procuramos acumular para não viver num plano de rotina. Nova face de vida que se considera, e se ocultará depois, no meio da agitação e dos formalismos vazios do dia-a-dia.

Quase toda a gente faz Retiro e aquelas que não têm, na altura, a predisposição necessária, respeitam absolutamente o silêncio das outras e assistem sempre que possível às conferências.

Mas esta paz não é inconciliável com a alegria sã e estimulante do Carnaval.

São de novo **três dias...** três dias plenos de imaginação, de colorido e de fantasia, em que não falta o baile de máscaras, a ceia à americana, as salas decoradas com bom gosto e originalidade, os trajas cheios da mais saborosa invenção.

E a Madre, com o seu espírito aberto, actual e sempre pronta a dar-se, não é alheia a esta subtil combinação de optimismo, de compreensão e de verdade, que criou a atmosfera do nosso Lar.

Daqui se conclui que o Retiro não é apenas três dias. Continua através do Carnaval e durante o ano... traduzido na procura sincera de uma alegria autêntica.

MARIA NOÉMIA

# Finalistas



## LISBOA

- ★ Margarida Aurélia Nogueira Amorim Santos.
- ★ Maria Cecília Boléo Abrantes (colégios Guarda — Lisboa).
- ★ Maria Regina Boléo Abrantes (colégios Guarda — Lisboa).
- ★ Rosa Maria de Almeida Alves Pereira (colégio Quelimane).
- ★ Maria Otília Sousa Ferreira.

Cursos Superiores  
Curso Liceal  
Magistério Primário

VISEU

## COIMBRA

- ★ Helena Maria Carrilho V. dos Santos.
- ★ Maria do Carmo de Azevedo Ferraz Machado.
- ★ Maria Olga Bettencourt da Silva.
- ★ Mercedes de Loureiro Costa.
- ★ Maria Leonor Mendes Gomes.
- ★ Maria Teresa Botelho de Sousa Vieira.
- ★ Maria Elisa Gonçalves Oliveira.



# As nossas Noivas

## Poema branco

*Dá-me a água  
Da montanha.*

*Dá-me do linho  
Do altar.*

*Dá-me o ser  
Neste não ser.*

*Dá-me o amor  
Que te faz grande*

*Dá-me a força  
Que segura.*

*Dá-me migalhas  
De fome.*

*Diz-me do rumo  
Em que segues.*

*Dá-me infinitos  
Nos olhos.*

*Dá-me amplitude  
Nas asas.*

*Dá-me ogivas  
No meu claustro.*

*Dá-me alma  
De imensidade.*



*Diz-me o caminho  
Direito.*

*Dá-me a noite  
Do teu dia.*

*Dá-me um facho  
Nesta noite.*

*Dá-me a cruz  
Onde te pegas.*

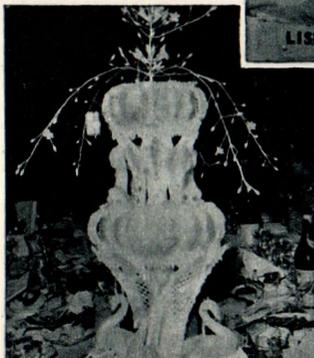
*Dá-me a voz  
Do teu silêncio.*

*Dá-me o Cristo  
Que procuro.*

*Dá-me a chaga  
Dele, nua.*

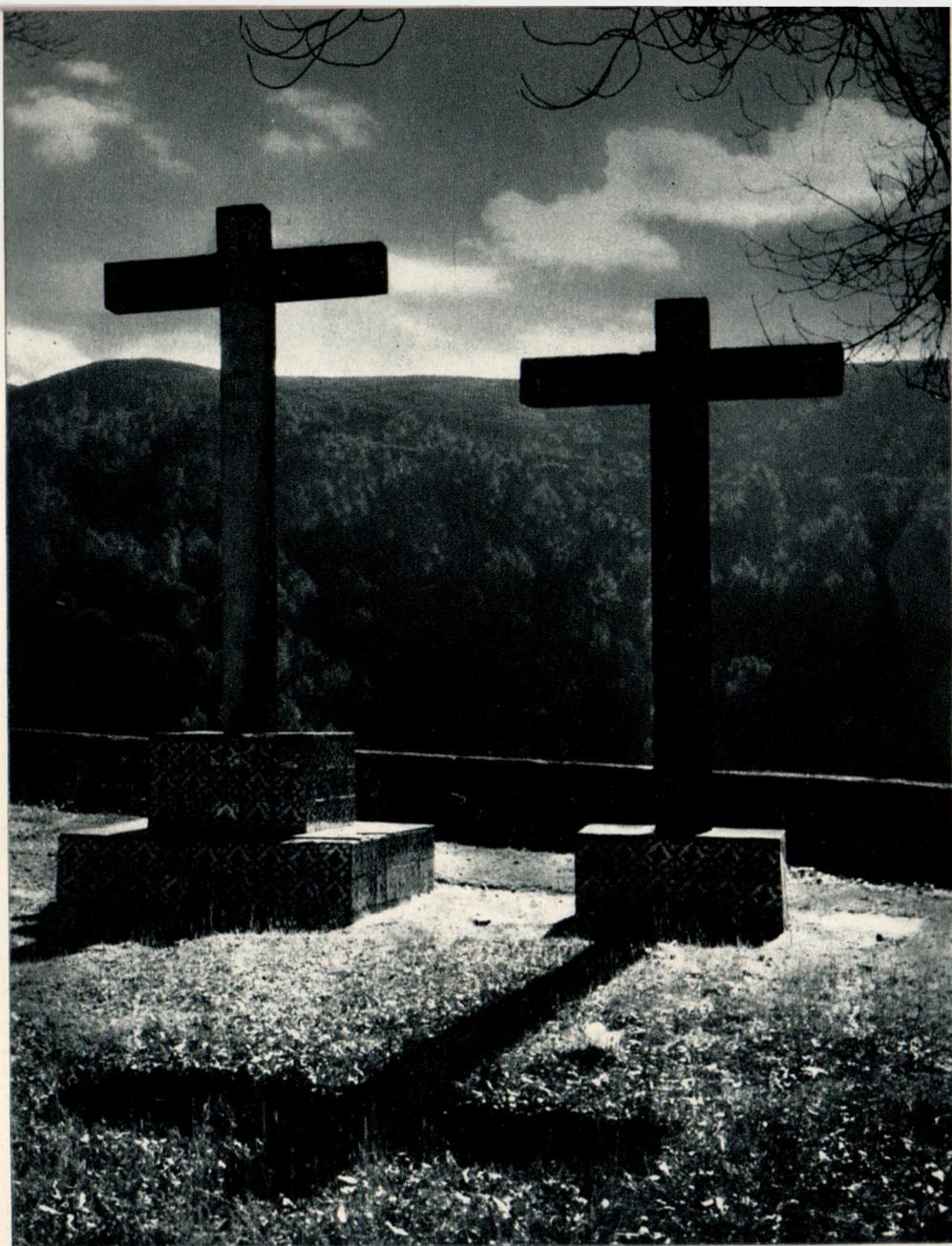
*Dá-me o todo  
Vivo em Ti!*

«Antiga» da Guarda



S  
E  
R  
A





**M**ORREM os homens à míngua de ESPERANÇA, porque trocaram a Fé nos valores divinos, pela fé nos valores humanos. Ora, para o Cristão não há dualismo. Uns e outros têm lugar na sua vida, mas apreciados ao seu justo valor: como eternos, uns; os outros, como perecedores.

Morrem os homens à míngua de ESPERANÇA, quando houve UM HOMEM que disse: «O que ouve a minha palavra e crê nAquele que me enviou, tem a Vida Eterna e passa da morte à vida.» (Jo. V-24).

UM HOMEM que era Deus: podia prometer e... dar.

UM HOMEM que se deixou matar por amor dos outros homens.

É este o sentido das duas cruzes: a dEle e a nossa.



1



2



8



9

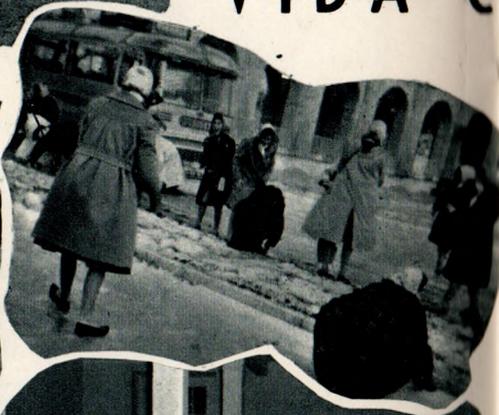


10

# VIDA COLEGIAL



3



7



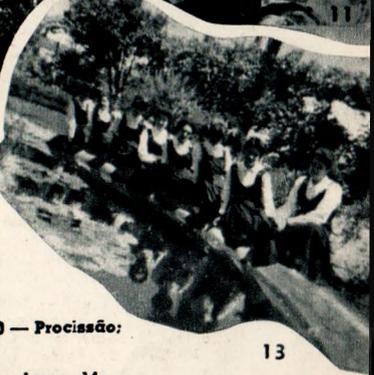
14



12



11



13

LISBOA — 1, 2 e 3 — Estádio do Restelo — Aspectos do cortejo alegórico realizado na inauguração do Monumento a Cristo-Rei; Nossa Senhora na História de Portugal; 4 — Na capela; e grupo coral; 5 — A «Chama», no aniversário da morte do Fundador, P. Gaillac; 6 — Almoço de despedida do 7.º ano; 7 — Excursão: Neve em Espanha



5



15

FATIMA — 8 e 15 — Vida colegial  
GUARDA — 9 — Recreio na mata; 10 — Procissão; 11 — Audição musical  
GUIMARAES — 13 — Recreio junto ao lago; 14 — Excursão: Nazaré  
PORTALEGRE — 15 a 18 — Aspectos da patriótica excursão a Sagres



16



17



18



### A Hóstia do Filho

*Hóstia a Deus erguida  
por um filho,  
ao altar,  
é farinha moída  
em heróica oblação:  
flor de trigo esmagado  
pela mãe  
na mó do seu coração*

M. de C. BSCM



*Mãos ungidas:  
vida imolada  
no altar  
ao serviço de Deus.*



*Mãos atadas:  
poder divino  
de perdão e bênção  
ao serviço do Homem.*

*missa nova*



P. JOAQUIM ANTÔNIO MARQUES DA SILVA, S. J.  
filho de Aurélio Monteiro Marques da Silva  
«Antigo» de Tel  
Ordenação: 10-7-1955 / Missa Nova: 8-9-1958

P. HENRIQUE MELO DE NORONHA GALVÃO  
filho de Ana Melo de Noronha Galvão  
«Antigo» de Viana  
14.10.1960

BRAGA



VEISEU



VEISEU

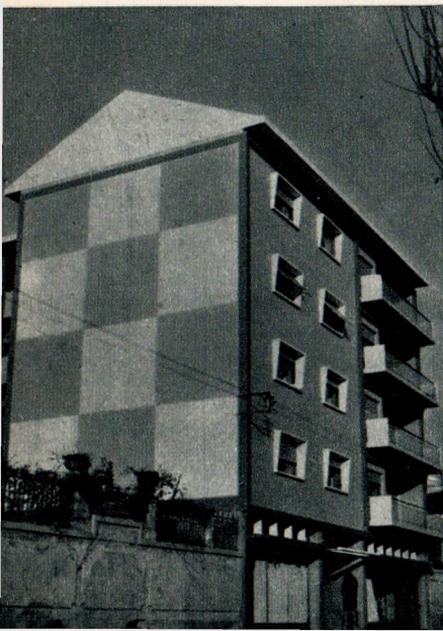


AVEIRO



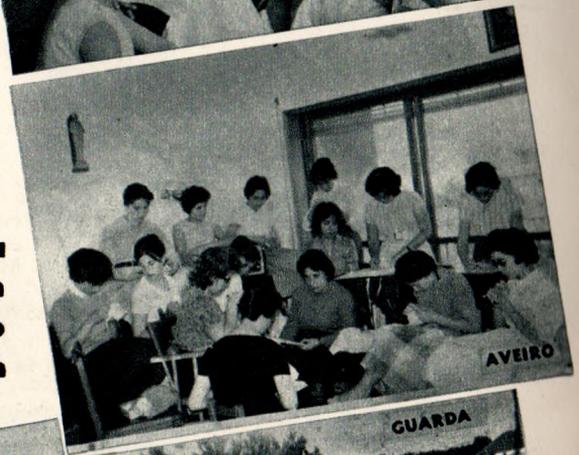
# Lares

AVEIRO



Viseu  
Braga  
Aveiro  
Guarda

AVEIRO



GUARDA



## Dom Domingos da Silva Gonçalves

Nasceu em Guimarães, a 1 de Fevereiro de 1891 e foi baptizado na histórica igreja de Nossa Senhora da Oliveira. Aquele que havia de ser o ardoroso Apóstolo da Virgem e do Coração Eucarístico de Jesus.

Grande animador de Jornadas e Congressos Eucarísticos e Marianos, deu-se também incansavelmente ao ministério da pregação e da confissão — mesmo quando Prelado — com notável fruto nas almas.

Recebeu a Sagração Episcopal na festa da Assunção da Senhora, no ano de 1948 e, em 1952, sucedeu, no governo da diocese, a D. José Alves Matoso. A 4 de Junho de 1960, extinguiu-se, na Paz de Deus, o venerando e apostólico prelado, a quem tanto devem as Religiosas do Sagrado Coração de Maria.

Modelo de Esposa e de Mãe não só foi primorosa educadora de seus quatro Filhos e oito Netos, como soube também coadjuvar admiravelmente seu Marido, no alto cargo de Presidente da República, com o seu trato atável e prudente.

Desde o mais modesto serviço no Palácio, até Suas Majestades os Reis de Inglaterra e tantas personagens ilustres que com Ela trataram, a todos prendia com o encanto do seu sorriso e a irradiação da sua bondade.

Com viva saudade, «Cormariae» presta homenagem à memória da ilustre Senhora, que Deus levou tão cedo para si, a fim de lhe premiar as virtudes.



Dona Berta Craveiro Lopes  
«Antiga» de Viseu † 5-6-1958

## Dom Agostinho de Moura

Com invulgar brilho decorreram as festas jubilares de homenagem a Sua Ex.<sup>a</sup> Rev.<sup>m</sup> o Senhor Bispo de Portalegre e Castel-Branco, por ocasião das suas **Bodas de Prata Sacerdotais**.

O Colégio de Portalegre, tomou parte activa no grandioso e imponente coro de 400 vozes, sob a regência do exímio professor de canto do Seminário, o Rev.<sup>o</sup> P.<sup>o</sup> Joaquim Milheiro, assim como na Sessão Solene, tendo sido declamada uma poesia da autora da aluna Anabela Mourato Cardoso, intitulada «O Bom Pastor».

No coro falado, que pôs termo a esta sessão de Homenagem, as alunas representavam o grito ingente da Juventude que esperou e encontrou enfim quem tão ardorosamente a guia para um futuro de esperanças.

«Cormariae» associa-se jubilosamente a tão grato aniversário em representação das Religiosas do Sagrado Coração de Maria da Província Portuguesa.

A ordenação de dois sacerdotes, filhos de Antigas Alunas foi motivo de íntima alegria para as suas Famílias e para as Religiosas do Sagrado Coração de Maria, educadoras de suas Mães. Em ambos, a vocação sacerdotal brotou, espontânea e límpida, em Lar cristianíssimo, como nascente nas alturas.

O Rev. Padre Joaquim António Marques da Silva, nasceu em Leça da Palmeira, a 3 de Dezembro de 1927. Miraculado de S. João de Brito, aos 11 anos, entrou para a Companhia de Jesus a 7 de Setembro de 1944, e foi ordenado, em Barcelona, a 30 de Julho de 1958. É actualmente Missionário em S. José de Borona, na Zambézia, para onde partiu a 3 de Setembro de 1960.

São seus Pais, D. Aurélio Monteiro Marques da Silva e o Dr. José Marques da Silva.

O Rev. Padre Henrique Melo de Noronha Galvão nasceu em Lisboa, a 11 de Junho de 1937 e foi ordenado a 23 de Outubro de 1960, por S. Em.<sup>o</sup> o Senhor Cardeal-Patriarca, na Igreja de Moscavide, em solene Pontifical. É actualmente Professor no Seminário Liceal de Penafirme.

São seus Pais, D. Ana Melo de Noronha Galvão e o Dr. José Peres de Noronha Galvão (falecido).

Que o Senhor da Messe multiplique as frutos no campo de apostolado dos dois neo-sacerdotes.

Na paz  
de Deus

† 12-12-58 — Madre  
M.<sup>a</sup> do Redentor

Cerca de trinta anos, viveu em Portugal, onde ficará sempre lembrada no coração de suas Irmãs e Alunas. Educadora por vocação, foi uma fervorosa religiosa e uma admirável e dedicada Professora.

† 28-3-60 — M. Luísa  
Coelho de Amorim

«Antiga» da Guarda, era muito estimada de Mestras e Companheiras. Levou a Senhora aos 38 anos, tendo sofrido com resignação a prolongada doença. Era irmã do Rev.<sup>o</sup> P.<sup>o</sup> Coelho de Amorim e das Rev.<sup>as</sup> Madres Maria do Bom Conselho e Maria Celina.

† 6-3-60 — M. Lucília  
Patrião

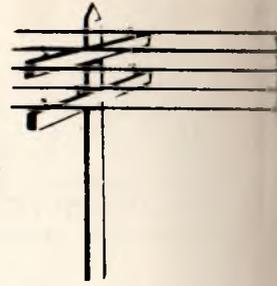
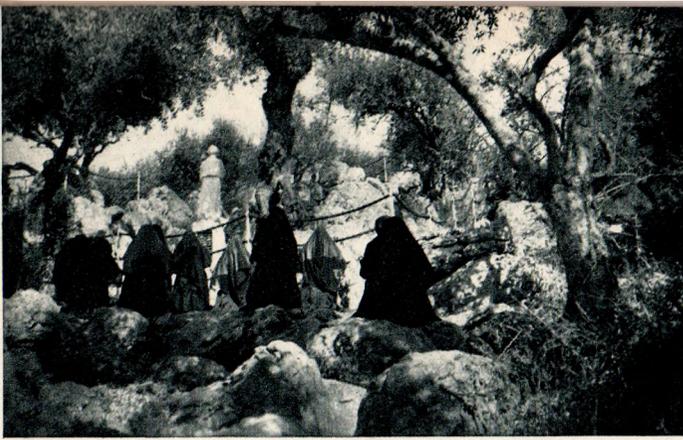
«Antiga» da Guarda, faleceu cristãmente, com 22 anos. Estava no 1.<sup>o</sup> ano da Escola do Magistério e deixou profunda saudade nas companheiras do Colégio e da Escola.

† 16-5-60 — M. Leonor  
Santiago de C. Pereira

«Antiga» da Guarda, faleceu após melindrosa operação, deixando seis filhos na orfanidade, tendo o mais novinho apenas um mês.

† 15-12-58 — M. Alda  
Ferreira de Araújo

«Antiga» do Lar de Aveiro, foi uma alma eminentemente apostólica e enamorada de perfeição. Criava, em volta de si, um ambiente de elevação e de alegria que atraía as almas ao bem e à religião.



## FATIMA TERRA DE SILÊNCIO

*A Senhora viveu sempre mergulhada em silenciosa contemplação na Sua «Nazaré» pequenina, distante e perdida no mundo. Ela foi através da sua Vida a Virgem do Silêncio! Confirma isto o Evangelista quando diz que «Maria guardava todas as coisas no Seu Coração». Na mensagem do Anjo Gabriel vemo-La falando pouco. Só o necessário para cumprir perfeitamente a vontade de Deus.*

*É no silêncio de uma noite que Ela guarda a Palavra de Deus — O Verbo feito carne por Amor!*

*Maria, a Senhora do Silêncio, quis um dia visitar Portugal. Tinha uma mensagem... Mensagem que, para correr o mundo, teria que ser ouvida no silêncio.*

*E, ao olhar a Terra, Maria descobriu «outra» Nazaré perdida entre serras e montes.*

*Sorriu, ao recordar a Sua Nazaré da Palestina e... desceu. Desceu a esta terra de silêncio, abençoou-a com a Sua Presença de Rainha e de Mãe.*

*Comunicou a sua mensagem ao silêncio de três almas inocentes. E, silenciosa... partiu! O mundo agitou-se.*

*Agita-se ainda à volta desta Nazaré perdida. Mas a mensagem da Senhora «mais linda do que o Sol», só será ouvida quando cada um de nós fizer um grande silêncio dentro de si.*

*Silêncio que é intimidade com Deus. Silêncio que é também intimidade com Maria, a Virgem da «Nova Nazaré!»*

M. de J. H., R.S.C.M.

## Carta aberta a uma missionária

*Ouvi dizer que há muita gente, por essas nossas comunidades de Portugal, que quer vir para África, mas... «não para os Colégios». Fez-me impressão esta frase. Denota um profundo desconhecimento do complexo problema missionário. É que, diante de Deus, tanto vale a alma dum branco como a dum preto: ambas custaram o Sangue do Nosso Divino Redentor. No entanto, é preciso compreender que, cristianizando o branco, muito bem pode ser feito, por ele, aos indígenas; ao passo que, cuidando só deste, não se desjaz a barreira da incompreensão que, não raro, existe no branco para o preto.*

*Há, portanto, muito que fazer com os nossos alunos, que serão os homens e as mulheres de amanhã. Se eles viverem da Fé e cultivarem as virtudes que lhe são inerentes:*

- darão bom exemplo aos indígenas;
- tratá-los-ão com justiça e caridade, remunerando-os honestamente e orientando-se pelas Encíclicas de Leão XIII e Pio XI;
- terão para com eles bondade e misericórdia, compadecendo-se dos seus males e ajudando-os em suas necessidades.

*Os indígenas, por sua vez, ao verem a boa vontade, compreensão e dedicação dos europeus, serão levados mais facilmente à nossa religião, pois as obras falam mais do que as palavras.*

*O que diz a tudo isto, minha futura missionária? Espero vê-la em breve entre nós...*

Maria Estanislau, R.S.C.M.  
(Quellmane)

## LISBOA — Colégio

\* **Retiro do 3.º ciclo em Fátima** — No mês de Janeiro, as alunas do 6.º e 7.º ano deixaram por uns dias as preocupações do estudo e partiram para Fátima, que este ano foi escolhida para local do Retiro das mais velhas.

Elas gostaram e cada uma daquelas vinte e oito raparigas encontrou talvez ali o seu caminho! Pelo menos, lá ficaram consagradas à Senhora da Juventude, como remate do tríduo.

\* **Inauguração do Monumento a Cristo Rei** — O Colégio teve a sua parte na grande festa nacional. Foi-nos dado como tema para o imponente desfile no Estádio do Restelo: «Nossa Senhora na História de Portugal».

\* **Missas Campal** — No dia 31 de Maio, Nossa Senhora Peregrina visitou o Colégio. As alunas e suas famílias assistiram à Missa Campal na cerca da casa, celebrada por S. Ex.ª Rev.ª o Senhor Bispo de Febrina.

\* **Passeio à Serra** — No mês de Fevereiro, o 2.º ciclo deu o seu passeio anual à Serra da Estrela. Dormimos na casa «mais alta» de Portugal e algumas fizeram as suas experiências de «sky».

\* **Comunhão Solene** — Decorreu com a costumada beleza e simplicidade a Comunhão Solene das alunas, no dia 24 de Maio.

\* **Encontros** — Os pais das alunas foram convidados para reuniões trimestrais no Colégio, presididas por um Sacerdote competente, a fim de serem tratados problemas de educação. Muitos compareceram. Para encerrar estas reuniões, houve uma Missa vespertina e um lanche de confraternização.

\* **A Catequese e os pobres** — As Filhas de Maria dedicaram-se com carinho a dar a catequese às crianças da Charneca, todas as quintas-feiras. Nas suas visitas regulares aos pobres, conseguiram, além do auxílio material, fazer alguns baptizados e um casamento.

# Noticiário

\* **Despedida do 7.º ano** — Antes de partir, as finalistas quiseram deixar ainda uma vez, os seus ideais bem consagrados a Cristo, na Missa de despedida e testemunharem-se mutuamente os afectos num jantar de confraternização, no Colégio.

Esteve presente o Rev.º Senhor Dr. Fernando Maurício, professor de Religião do 3.º ciclo, que celebrou a Missa e lhes delineou caminhos rectos na vida nova que as espera.

\* **Reunião das Mães** — Tivemos o Retiro das Mães algum tempo antes das férias da Páscoa. Terminou com um jantar de confraternização.

\* **Cultura e Recreio** — Durante todo o ano, as tardes de sábado foram aproveitadas para visitas de estudo do 3.º ciclo.

\* **Festa do Instituto do Sagrado Coração de Maria** — 24 de Fevereiro. O Colégio todo viveu este dia numa forma original. No «hall» da Capela foram colocadas as fotografias dos Fundadores e uma Chama — símbolo de presença, amor e união. Cada classe, desde a infantil, tinha a sua presença particularmente traduzida por qualquer trabalho em que as próprias alunas colaboraram: geralmente pintura ou desenho.

Foi organizado, depois, o «Concurso do Padre Gaillac» — um concurso de trabalhos escritos sobre o Instituto, tendo sido premiado o melhor de cada ano. A 1.ª e 2.ª classes concorreram com desenhos originalíssimos sobre o mesmo tema, com as respectivas legendas.

\* **Passaios** — O 3.º ciclo, este ano, foi a Espanha! Tomaram parte 20 raparigas que viajaram por Toledo, Madrid e o Escorial. Como sempre, houve cenas engraçadas, desta vez na neve, no «Vale de los Caídos»...

O 2.º ciclo foi ao Algarve, no começo das férias da Páscoa.

\* **Sessões de cinema** — Decorram com grande entusiasmo as sessões de cinema organizadas pelo Colégio de S. João de Brito. Através destas sessões, procurou-se iniciar a nossa gente no cinema. E foi tanto o interesse despertado que o nosso colégio conseguiu obter vários prémios nos Concursos lançados pelo Círculo Escolar de Cinema e a Judite Fitas Carvalho mereceu o 1.º prémio do Concurso inter-colegial, em que tomaram parte também alunos dos Colégios de Santa Dorothea, Escravos do S. C. de Jesus, Oblatas do C. de Jesus, S. João de Brito, Maristas e Clenardo.

## GUARDA — Colégio

Continuou o seu curso o vasto plano de instalações deste Colégio, com a inauguração de novas dependências, no dia da festa do Sagrado Coração de Jesus de 1960.

Vai ser em breve uma realidade a construção de uma nova ala que virá beneficiar o Lar e o Colégio, cuja frequência tende continuamente a aumentar.

Centro de vida apostólica intensa, as suas salas estão sempre à disposição dos organismos da ACÇÃO CATÓLICA, para reuniões e retiros.

Os Vicentinos tiveram aqui a sua reunião anual de confraternização, assistindo uma centena de senhoras e cavalheiros pertencentes às Conferências de S. Vicente de Paulo, da Diocese da Guarda.

Está a cargo das Religiosas do CATECISMO DE PERSEVERANÇA das alunas do Liceu e da Escola Comercial.

Em Maio, houve a reunião anual das «Antigas», que decorreu com grande animação e espírito de família.

## LISBOA — Lar

\* **8 de Dezembro** — Para prestar homenagem à Imaculada Conceição, de comum acordo organizámos uma Vigília que durou toda a noite.

\* **Férias do Natal** — Em franca e alegre camaradagem se passaram estas férias em que a nossa Rev.ª Madre Superiora nos proporcionou um ambiente familiar, ao qual não faltaram as tradicionais ofertas, ornamentações e missa do galo. Durante esta mesma época o Lar recebeu as Ultramarinas Católicas da Universidade de Lisboa, que aí realizaram a costumada festa de confraternização.

\* **Carnaval** — Tivemos o tradicional sarau «fantasiado», que termina com um prémio à que melhor se apresenta, e uma ceia à americana. Foi, como sempre, motivo de algumas horas de alegria.

\* **Retiro** — O retiro, este ano, foi sem dúvida uma ocasião de renovação espiritual notável, para a qual contribuiu em grande escala o pregador Rev.º P.º Abranches, S.J., e o local silencioso e convidativo à oração que é Fátima.

\* Recebemos a visita da Madre Assistente Geral, e, nesse dia, a Missa foi particularmente soleni-

zada, oferecendo-lhes uma pequena festa em sua homenagem. Poesia, piano, dança rítmica, canções, o floclore nacional...

\* Foi-nos ainda proporcionada durante o ano a possibilidade de enriquecimento espiritual e cultural com algumas conferências que nos preencheram agradáveis serões. Sobre os problemas actuais de África — Rev.º P.º Albano; A Missa — Rev.º P.º Lino; A Páscoa — Dr.ª M.ª Teresa Santa Clara Gomes; etc. E, ainda, a Congregação Mariana facultou a assistência às reuniões mensais feitas pelo assistente, Rev.º P.º Manuel Simões, onde eram tratados assuntos práticos e de espiritualidade.

\* Por iniciativa das Filhas de Maria, aos sábados, à noite, reuniam-se algumas estudantes para estudar, em conjunto, os textos da Missa do Domingo seguinte, enquadrando-os na época litúrgica, o que era antecipadamente preparado por algumas.

\* A Rev.ª Madre Superiora pôs ainda à disposição da Lucl, o Lar, onde se organizou uma tarde de estudo sobre o Amor Humano, que foi particularmente concorrida.

Rosa Maria e Margarida Amélia

## AVEIRO — Lar

Nos dias 7 e 8 de Outubro de 1958 fez-se a mudança para o Lar novo, com grande entusiasmo e alegria. Situação esplêndida, na Avenida Central. Casa linda, com um moderno elevador.

No dia 13 de Novembro, pelas mãos de S. Ex.ª Rev.ª, o Senhor D. Domingos da Apresentação Fernandes, o Senhor veio pela primeira vez ao nosso Lar.

Vários sacerdotes, pessoas amigas, estudantes, se reuniram na nossa Capela, pequenina e simples, mas de bom gosto litúrgico. O Senhor Bispo dirigiu-nos calorosas palavras de incentivo.

Sensibilizou-nos a atitude de três operários que se abeiraram da Sagrada Eucaristia, um deles pela primeira vez; os outros dois, há muitos anos não frequentavam os Sacramentos. Antes haviam perguntado: — São as Irmãs que dizem Missa?



Isto deu margem a que se lhes desse uma instrução preparatória àquele acto religioso.

Seguiu-se um jantar presidido pelo Senhor Bispo.

E a vida começou no Lar Novo — uma casa alegre donde se vêem ao longe as salinas e os barcos moliceiros, a viajar ria em fora.

### PORTALEGRE — COLÉGIO

Uma onda de progresso agita a branca, risonha e hospitaleira cidade de Portalegre, que se orgulha dos seus pergaminhos ancestrais, dos seus palácios solarengos. Em menos de dez anos, viu erguer o Seminário, a Escola Industrial, o moderníssimo mercado, o imponentíssimo Palácio da Justiça, o Colégio Diocesano, menina dos olhos do Venerando Prelado.

E, finalmente, Portalegre vai ficar dotada de um Colégio Feminino, à altura do seu Colégio Diocesano. De traça arquitectónica moderna, tem uma situação privilegiada. O panorama que dele se avista é surpreendente de beleza, frescura e claridade.

\*

Todas as semanas, e-las pressurosas, divididas em grupos, a visitar os pobres, e a levar-lhes mimos que elas sacrificadamente vão juntando. Uma velhinha, paraltica há 28 anos, logo que as sente, diz, de lágrimas nos olhos: «Ai vem o sol a entrar na minha casa!».

### COIMBRA — Carta duma «Antiga»

Confesso que nunca julguei dele trazer tantas e tão gratas recordações. Deficiências, pequenos aborrecimentos, por vezes. Mas não há tudo isto também em nossas próprias casas? E que representa isso comparado com o ambiente de juventude perene que nele se vive e de carinhoso afecto com que Madres e Irmãs nos rodeiam?

É longe, sobretudo, que esse carinho mais se sente e se aviva pela saudade. Assim se compreende o alvoroço com que as «antigas» voltam ao Lar e a alegria com que eu irei aí sempre que possa. Foi, sem quèrer, um segundo Lar que crei.

Creio que é este o melhor testemunho de quanto guardarei no coração da minha estadia aí.

Maria Inocência

### BRAGA — COLÉGIO Encerramento do Ano lectivo (1959-1960)

Com a presença de S. Ex.<sup>a</sup> Rev.<sup>m</sup>a o Senhor Arcebispo Primas, dos Senhores Presidente da Câmara e Reitor do Liceu, autoridades eclesiásticas e civis de Braga, realizou-se a festa do fim do ano, especialmente dedicada às Famílias das Alunas. Abriu a Sessão a Rev.<sup>a</sup> Madre Superiora, que explicou o significado da festa, seguindo-se a distribuição dos prémios e, finda esta, uma demonstração do aproveitamento escolar do ano findo, que constou de Canto Coral, Música, Dança clássica e regional e declamação. A parte artística fechou com uma poesia e um drama oriental, da autoria de D. Madalena Creissac de Freitas, «antiga» de Tui. Foi muito visitada a exposição de labores e desenho, aberta no final da Sessão no ginásio.

### BRAGA — Actividades da associação «Cormarias»

Os anos de 1958-1959-1960 decorreram num ambiente de grande entusiasmo entre os membros do «Cormarias». As reuniões foram frequentadas com assiduidade, e trabalhou-se com gosto, facto que se pôde verificar no fim do ano, ao serem expostas as trabalhos. Viam-se muitos vestidinhos das mais variadas cores e feitios, saias, blusas, aventais, camisolas, casacos de lã, etc. Uma boa parte foi para as Missões, onde os rapazes não foram esquecidos, pois lá se viam muitos calções de ganga azul, que deviam ter feito o orgulho dos contemplados.

Efectuou-se a Reunião das Antigas Alunas, a 9 de Dezembro, dia da Inauguração Solene do Ginásio. A presidir, teve a figura veneranda de S. Ex.<sup>a</sup> Rev.<sup>m</sup>a o Senhor Arcebispo Primaz que, depois de celebrar o Santo Sacrifício da Missa, se dirigiu ao Ginásio, a fim de proceder à sua bênção.

Seguiu-se um copo-d'água. Aos brindes falaram, S. Ex.<sup>a</sup> Rev.<sup>m</sup>a o Senhor Arcebispo Primaz, o Ex.<sup>mo</sup> Senhor António Maria Santos da Cunha, Dig.<sup>mo</sup> Presidente da Câmara, e o Ex.<sup>mo</sup> Senhor Dr. Feliciano Ramos. Il.<sup>mo</sup> Reitor do Liceu, que se dignaram honrar a festa com a sua presença.

Sobre a tarde, houve uma Sessão Solene que abriu com um trabalho da Rev.<sup>a</sup> Madre Superiora, visando a educação da juventude e terminou com palavras de S. Ex.<sup>a</sup> Rev.<sup>m</sup>a o Senhor Arcebispo Primaz, palavras sábias de Pai carinhoso e Pastor atento. Também abrilhantou esta Sessão a palestra primorosa da Antiga Aluna, D. Carlota Sande e Castro de Sequeira.

Ao chegar a Julho, terminaram as actividades do «Cormarias» com um esplêndido passeio a Penafiel.

Depois da Missa celebrada no Templo de Nossa Senhora da Piedade, visita à grande obra de Protecção das Raparigas de que é Fundadora e Directora, D. Maria Teresa de Vasconcelos.

Em seguida foi servido um almoço na residência do Ex.<sup>mo</sup> Senhor Dr. Vasconcelos, cuja Ex.<sup>ma</sup> Esposa, D. Josefa, foi Antiga aluna do Colégio de Braga. Depois duma visita ao seu Aviário, a pedido de D. Judite Vasconcelos, passámos por sua casa, onde nos foi dado contemplar panoramas deslumbrantes.

Seguidamente, partiu-se para Alentém, onde nos esperava uma recepção original, preparada por D. Maria Eduarda Lencastre, Condessa de Alentém. Os foguetes estalarão no ar e as flores atiradas pelas crianças, cobriam-nos. No alto da escadaria, a Senhora Condessa, figura veneranda, descendente duma família distinta, ladeada por todo o seu pessoal, esperava as visitantes. Houve cumprimentos, abraços, lágrimas de saudade... e veneração pela memória ilustre dos antepassados, onde tem figura de relevo, a Santa e Saudosa Madre Maria da Eucaristia.

Um chá magnificamente servido, pôs termo ao passeio. Depois das despedidas e agradecimentos, fez-se o regresso a Braga.

O desenrolar do ano 1959 a 1960 não teve de início acontecimento de destaque além da boa vontade e afoco ao trabalho em benefício da pobreza e das Missões; verdadeiro interesse em produzir o máximo; houve quem apresentasse uma camisola pronta em todas as reuniões!

A meio do ano, em reunião extraordinária os Membros do «Cormarias», prestaram homenagem, simples e sincera à querida Madre Maria do Coração Imaculado, alma da associação, em Braga, pelas suas Bodas de Ouro de Religiosa. Tiveram a honra da presença das Rev.<sup>as</sup> Madres Assistente Geral e Provincial.

A reunião das Antigas Alunas efectuou-se no mês de Julho com Missa de festa acompanhada pelo coral do Colégio. Em seguida teve lugar o almoço. Várias gerações se encontravam presentes e, a estreitá-las lá estavam as boas e queridas Madres Maria do Coração Imaculado, Maria do Sacrário, Teresa Kopke, Maria do Rosário, Teresa do Menino Jesus, Estanislau do Menino Jesus (Máxima Albuquerque) e Madre Maria da Conceição (Ema Osório). A reunião terminou com uma sessão no ginásio, onde houve ocasião de apreciar mais uma vez, a declamadora, D. Carlota Sande e Castro de Sequeira, em versos da sua autoria, e se visitou a exposição das roupas confeccionadas durante o ano findo.

## LISBOA

### NASCIMENTOS

- \* Francisco, 2.º filho de Maria Carolina da Silva Torres, a 2-1-59.
- \* Ana Maria, 1.ª filha de Elisa Oliveira Carrinho, a 17-9-59.
- \* Margarida Maria, 1.ª filha de Isabel Adelaide Salles Henriques Belchior, a 26-9-59.
- \* Maria Teresa, 2.ª filha de Isabel Adelaide Salles Henriques Belchior, a 16-1-60.
- \* Ana Maria, 2.ª filha de Maria Madalena Belchior Medícias, a 23-2-60.
- \* Cristina Maria, filha de Maria Teresa Pascoal Dias Malheiro, a 7-5-60.
- \* António Manuel, 1.º filho de Maria Teresa Pablo Pereira, a 19-5-60.
- \* Catarina, 1.ª filha de Maria José Simões Marques de Almeida Vaz Pinto, a 15-6-60.
- \* Jorge Carvalho Jacinto Alves, 1.º filho de Angela Maria da Mota Veiga Jacinto Alves, a 30-6-60.
- \* Paula Alexandra, 1.ª filha de Lídia de Lourdes Figueiredo, a 10-7-60.
- \* Manuel, 1.º filho de Maria Luísa Dias Correia Fernandes, a 21-4-59.
- \* José, 2.º filho de Maria Luísa Dias Correia Fernandes, a 6-6-60.
- \* Armando Jorge, 1.º filho de Maria Otília Soares de Macedo Ferreira, a 10-2-60.
- \* Cristina Maria, 1.ª filha de Teresa Pascoal Dias, a 7-5-60.
- \* Jorge Manuel, a 9-4-59.
- \* M. Teresa, a 10-4-60, filhos de M. Luísa Simão Gonçalves dos Santos.

## LISBOA (COLÉGIO)

### CASAMENTOS

- \* Maria José Simões Marques de Almeida, com Luís de Castro Vaz Pinto, a 6-6-59.
- \* Maria Jovita Peral Agostinho, com Luís Filipe dos Santos Patrício, a 13-8-60.
- \* Maria Manuela Simões Baião Horta, com Nuno José da Cunha Sá Gomes, a 27-5-58.
- \* Angela Maria da Mota Veiga, com José Jacinto Alves, a 10-10-59.
- \* Maria Teresa Pablo Pereira, com Ruy Vasconcelos, a 8-12-58.
- \* Lídia de Lourdes Figueiredo, com José Souto, a 12-7-59.
- \* Maria José Bravo Ravasco dos Anjos, com Pedro Teodoro Rojão Ferreira, a 27-8-60.
- \* Maria Judite Machado Pacheco, com Manuel Pereira Dias de Lemos Peixoto, a 13-6-59.
- \* Maria Madalena Belchior Melícias, com António Nuno Dias Melícias, a 19-8-57.
- \* Isabel Adelaide Salles Henriques Belchior, com Manuel Valério da Costa Belchior, a 16-12-57.
- \* Maria José Gomes dos Santos, com Francisco de Jesus Cannas Carcajeira Cabuarne, a 11-6-60.

- \* Maria Luísa Dias Correia Fernandes, com Albano Manuel Correia Dinis, a 7-7-58.
- \* M. do Rosário de Albuquerque Amaral Campos de Oliveira, com António Fêria dos Reis Valle, a 12-9-57.
- \* M. Gabriela Bastos de Ione do Valle de Lacerda, com Jacinto Nunes, a 15-4-59.
- \* M. José Leal, com M. Francisco C. Palma, a 31-1-59.
- \* M. Luísa Marques Simão, com Henrique Jorge Gonçalves dos Santos, a 10-5-58.
- \* Maria Otília Soares de Macedo, com António José de Matos Ferreira, a 8-12-58.
- \* Teresa Pascoal Dias, com António Pedro da Costa Malheiro, a 29-7-59.
- \* Célia Amália Araújo Fernandes, com Eng.º Costa Ferreira, em Dezembro de 1959.

## GUARDA

### CASAMENTOS

- \* Maria Alzira Cardoso Alexandre, com Manuel da Costa Correia, a 8-12-60.
- \* Maria do Carmo Alves Maurício, com Fernando Noutel Morgado, a 29-5-60.
- \* Elvira da Conceição Panoias, com José Joaquim Marques, a 19-7-59.
- \* Maria Oriete Mateus Proença, com Mário Barreiros Proença, a 6-9-59.
- \* Maria Alcídia Fernandes Vale, com José Baleiras Henriques Proença, a 28-9-57.
- \* Maria Augusta da Fonseca, com Alfredo Rebelo Pires Lopes, a 6-4-58.
- \* Otelinda Beato Tomé, com Albertino Vicente Godinho, a 1-9-58.
- \* Maria Eduarda Garcia de Faria, com Zelerino David Faria, a 23-3-59.
- \* Maria Alzira Vieira Gomes, com Evaristo Pestano Marques, a 12-12-59.
- \* Palmira Natal Cristóvão Baltasar, com José Manuel Chan, a 23-8-59.
- \* Maria Fernanda Correia Cordeiro de Carvalho, com Daniel Rodrigues Júnior, a 7-12-59.
- \* Maria Alice Picarra de Matos, com Rui António Ferreira de Agonia Pereira, a 20-12-59.
- \* Maria Floripes Dias Lopes, com António Ferreira Lopes Gordo, a 19-7-59.
- \* Maria Elisa dos Santos Tracana, com Henrique Artur Martins de Almeida, a 11-10-59.
- \* Maria Helena Silva Costa Ferreira, com Fernando Alberto Toscano de Melo, a 3-5-59.
- \* Maria Amélia Simão Saraiva, com Joaquim José S. Marcos Tomé, a 6-8-60.
- \* Maria José Oliveira da Cunha Pignatelli, com Nuno Aníbal de Avillez Nunes Pereira, a 2-4-60.



- \* Rosa Fernanda Fonseca da Silva Santos, com Gabriel de Jesus Libano, a 2-9-59.
- \* Maria Teresa Santiago de Carvalho, com João Vaz Júnior, a 15-11-59.

## GUARDA (COLÉGIO)

### CASAMENTOS

- \* Maria Emília Abrantes Lucas, com Francisco Palma e Silva, a 19-5-57.
- \* Dulce dos Santos Moreira, com Francisco Fernandes de Campos, a 26-12-57.
- \* Maria de Lourdes Nabais de Almeida, com António de Rocha Ferreira de Almeida, a 28-12-57.
- \* Teodolinda de Jesus Bernardo, com José Vaz Ferreira, a 12-1-58.
- \* Maria Lucinda do Espírito Santo Gonçalves Moreira, com José Marques Guerra, a 20-4-58.
- \* Maria da Conceição Silva Azeido, com Nuno Boavida Castelo Branco, a 25-5-58.
- \* Maria Nélida Leitão, com Américo Guilherme Tavares Faria, a 27-7-58.

## GUARDA (COLÉGIO)

### NASCIMENTOS

- \* Pedro Maria, 1.º filho de Maria da Conceição Cabral Madeira Portas, a 25-10-57.
- \* José Maria, 1.º filho de Maria Teresa de Avillez Pignatelli, a 5-11-57.
- \* Rui António, 3.º filho de Maria Odete Lopes Castelo Branco, a 5-12-57.
- \* Rui Daniel, 1.º filho de Maria Orieta Proença, a 20-6-60.
- \* Luísa Maria, 1.ª filha de Maria Elvira da Conceição Panoias Marques, a 3-7-60.
- \* Vitalina de Fátima, 1.ª filha de Berta Viana Valente, a 13-6-58.
- \* José António, 1.º filho de Maria Alcídia Alencão Fernandes Vale Proença, a 10-9-58.
- \* Maria Cristina, 1.ª filha de Maria Emília Beirão Carapito, a 2-6-58.
- \* Maria Fernanda, 1.ª filha de Maria Augusta da Fonseca Rebelo Pires Lopes, a 10-1-59.
- \* Luís Miguel, 1.º filho de Otelinda Tomé Godinho, a 26-9-59.
- \* José Manuel, 1.º filho de Maria Eduarda Garcia Faria, a 18-5-60.
- \* Maria Luísa, 7.ª filha de Margarida Maria Brandão Esteves, a 25-4-60.

\* José Augusto, 1.º filho de Maria Alice Vilhena Varandas, a 15-4-60.

\* Maria Cristina, 3.ª filha de Aurea Antónia Leite dos Santos Barbosa, a 13-6-60.

\* Maria Cristina, 1.ª filha de Palmira Natal Cristóvão Baltasar Chan, a 6-6-60.

\* Isabel Maria, 2.ª filha de Maria Alexandrina do Carmo Borges Gomes Abreu, a 20-2-58.

\* Pedro Eugénio, 5.º filho de Maria de Lourdes Sacadura Manso Orvalho, a 12-3-58.

\* Vitalina de Fátima, 1.ª filha de Berta Valente de Almeida Viana, a 13-5-58.

\* Maria Margarida, 2.ª filha de Maria Ermelinda Martins de Araújo Marques, a 31-5-58.

\* Maria Cristina, 1.ª filha de Maria Emília Beirão, a 2-6-58.

\* Manuel João, 7.º filho de Maria Dulce Saraiva de Mendonça, a 1-9-58.

\* José António, 1.º filho de Maria Alcídia Fernandes Vale, a 29-10-58.

\* Maria Fernanda, 2.ª filha de Maria da Graça Andrade Saraiva Carvalhinho, a 29-10-58.

#### **GUARDA (LAR) CASAMENTOS**

\* Otelinda Regato Tomé, com Albertina Vicente Godinho, a 1-9-60.

\* Maria Regina de Melo Freire Falcão, com Alfredo José de Melo Corete Real Manteigas, a 7-10-60.

\* Maria dos Santos Soares, com Barreiros António Jerónimo Madeira, a 10-8-60.

#### **GUIMARAES CASAMENTOS**

\* Camila Augusta Borges da Cunha, com Rafael Jorge Leitão Xavier Pereira, a 8-10-60.

\* Maria Clara Cunha Guimarães, com António Bastos Pinto, a 29-4-60.

\* Maria Adelaide Araújo, com José António Lemos Gil, a 20-2-60.

\* Maria Sofia Ribeiro Jordão, com Carlos Alberto da Silva Júnior, a 14-18-60.

\* Maria José Sequeira Neves, com José António Ferreira Magalhães.

#### **GUIMARAES NASCIMENTO**

\* Carlos Alberto Jordão da Silva, a 7-8-60.

#### **FATIMA CASAMENTO**

\* Maria de Jesus Pereira, com Vasco Perfeito, em 10-60.

#### **PORTALEGRE (COLÉGIO) CASAMENTOS**

\* Maria Joana Pires Von Gilsa, com Aníbal Teixeira dos Prazeres, a 14-12-58.

\* Ana Maria Elias de Moura Martins, com Alberto Tavares, a 27-12-59.

\* Maria de Lourdes Carrilho dos

\* Angelina de Jesus Borges Henriques Faria, com Joaquim José Paixão, a 15-8-60.

#### **PORTALEGRE (COLÉGIO)**

##### **NASCIMENTOS**

\* Joaquim Luís, filho de Maria Joana Von Gilsa, a 9-4-60.

#### **COIMBRA (LAR)**

##### **CASAMENTOS**

\* Maria Fernanda Mendes Gomes, com José Carlos Machado de Lima Cardoso, a 5-3-59.

\* Maria Clementina Rita Quaresma, com Fernando Coelho dos Santos, a 27-12-59.

\* Rosa de Jesus Sousa Lima, com José Alberto da Cunha e Costa, a 18-4-60.

\* Maria da Graça Soares dos Santos Leite, com Celestino de Oliveira Portela, a 19-8-60.

\* Maria Leonor Mendes Gomes, com Luís Artur Figueiredo Falcão de Bettencourt, a 15-8-60.

\* Maria da Conceição Sá de Aragão Paço, com Alberto Henrique Vaz de Moraes Pereira de Oliveira, a 1-9-60.

#### **COIMBRA (LAR)**

##### **NASCIMENTOS**

\* Carlos Augusto, 1.º filho de Maria Fernanda Mendes Gomes Cardoso, a 22-12-59.

\* Pedro Manuel, filho de Maria de Jesus Lima Loff, a 11-10-59.

#### **PORTO (COLÉGIO)**

##### **CASAMENTOS**

\* Maria Cândida Clavel do Carmo, com Manuel Luís Câmara Prestrelle, a 30-7-60.

\* Elvira Alice da Cunha, com António Fernando Fonseca Moreira, a 20-8-60.

\* Marília Farinas de Almeida, com José Eduardo de Sousa Menezes Falcão, a 3-9-60.

\* Berta Moreira da Silva, com Alfredo Sousa Corais, a 15-2-58.

\* Mariana Amélia Menezes Norton de Lacerda, com José Duarte Archer de Menezes, a 19-3-58.

\* Maria Cândida Cabral de Sousa e Menezes, com José Pedro Guedes de Santa Marta, a 12-4-58.

\* Maria Amélia Guedes Barbosa de Oliveira, com Francisco de Assis Magalhães, a 19-5-58.

\* Vera Vincke Tuman, com Victor Brandão Cardoso de Menezes, a 24-5-58.

\* Maria Zulmira Cunha, com António Poinhos Vicente, a 7-6-58.

\* Maria José Barbosa de Oliveira, com Orlando Trábulo, a 1-9-58.

\* Maria Ema Pinto de Oliveira, com José Augusto Torrinha, a 6-9-58.

\* Julieta Aurélio Salvini de Mello Adrião, com Alberto Vieira da Silva, a 1-10-58.

\* Margarida M.ª de Lacerda Aroso, com Francisco de Nápoles Feroz de Almeida e Sousa a

\* Maria Eduarda da Fonseca Magalhães da Costa, com Arnaldo Magalhães da Costa, a 4-11-58.

\* Maria de Fátima Moraes Lopes Rodrigues, com Luís António Ribeiro Alves, a 25-10-58.

\* Maria Adelaide Vicente Lopes Moreira, com Henrique José de Sousa Falcão, a 8-12-58.

\* Maria Helena Rocha Ferreira, com Francisco Alvaro Gomes Figueira, a 20-12-58.

\* Maria Virgínia Alves Andrade, com Ramiro Guerra de Araújo, a 19-3-59.

\* Margarida Maria Neves Trigueiros, com José Manuel Guerra de Sousa Pinto, 19-3-59.

\* Ana Maria Mendonça Sobral Torres, com António Maria Carneiro Pacheco, a 30-5-59.

\* Maria Helena Rosas da Silva, com Rui Rocha Leite, a 4-4-59.

\* Isabel Maria Pinto de Oliveira, com Francisco Manuel Ortiga de Oliveira, a 21-5-59.

\* Maria Manuela Neves Trigueiros, com José Carlos Leão da Silva Cunha, a 8-8-59.

\* Maria Helena Gouveia Soares, com António Marques Pinto, a 12-9-59.

\* Guilhermina Menezes Norton de Lacerda, com José Ernesto Marramaque da Costa Sousa Cardoso, a 8-12-59.

\* Maria Antónia Nogueira Sousa Lopes, com Alfredo Pinto Coelho de Mendonça, a 21-4-60.

\* Maria Laura Ferreira, com José Cardoso da Rocha, a 28-4-60.

\* Maria José Monterroso Nogueira Soares, com Luís Gouvêa Allen Pinto de Sousa Coutinho, a 15-7-60.

\* Maria Manuela Ferreira Leite de Campos, com Carlos Mário Flores de Sá Ferreira, a 22-7-60.

\* Maria Isabel de Magalhães e Menezes de Abreu Coutinho, com Luís de Almada, a 23-7-60.

\* Maria Leonor Guimarães Teixeira de Oliveira, com Manuel Cordeiro dos Santos, a 30-7-60.

#### **PORTO (COLÉGIO)**

##### **NASCIMENTOS**

\* Gracinda Maria, 3.ª filha de Nair Ferreira Marques, a 18-4-58.

\* Mafalda, 3.ª filha de Maria Adalina Sousa Lopes Carneiro, a 22-5-58.

\* Pedro Maria, 1.º filho de Maria Margarida Seabra de Andrade dos Santos, a 27-6-58.

\* José António, 1.º filho de Maria Alcídia Alencão Valle Proença, a 10-9-58.

\* Luís Miguel, 2.º filho de Maria Manuel Milheiro da Costa, a 9-12-58.

\* Isabel Maria, 2.ª filha de Maria Augusta Marques da Silva Rosa Pereira, a 18-12-58.

\* Ana Maria, 4.ª filha de Maria Arminda da Silva Torres Ferreira Gomes, a 26-1-59.

\* Cecília Mariana, 1.ª filha de Mariana Amélia Menezes Norton Archer, a 13-2-59.

## EDIÇÕES CORMARIAE

Se as ler, ficará sabendo a maravilhosa história do Instituto do Sagrado Coração de Maria, a sua expansão no mundo e a visão rasgada e actual dos problemas da juventude, que condiciona o seu sistema educativo.

<b>Apóstolo e Fundador</b> — Porto, 1939 .....	5\$00	R. da Cunha — <b>Luz ao alto</b> (vida da Madre Maria de Assis) — Coimbra, 1952 .....	20\$00
<b>A obra mais bela</b> — Lisboa, 1945 .....	15\$00	R. da Cunha — <b>Dá o sol na minha janela</b> (2.ª edição) — Coimbra, 1954 .....	20\$00
<b>Vidas Vivas</b> — Coimbra, 1948 .....	30\$00	<b>O Instituto do S. Coração de Maria</b> (album ilustrado) — Noviciado, Braga, 1958 .....	50\$00
<b>Cem anos ao Serviço do S. C. de Maria</b> — Coimbra, 1948 (excerto de <b>Vidas Vivas</b> ) .....	5\$00	<b>Cormariae</b> — Anos de 1950, 1951, 1952, 1953, 1954, 1955, 1956, 1957 e 1960 (à venda nos Colégios) .....	20\$00
<b>O Ideal do Fundador</b> (1.º e 2.º vol.) — Braga, 1955, 1957 .....	5\$00		

### NASCIMENTOS (cont. p. 80)

- \* José Luis, 1.º filho de Maria Pinto de Oliveira Torrinha, a 16-6-59.
- \* Suzana Maria, 1.ª filha de Maria de Fátima Lopes Rodrigues Ribeiro Alves, a 21-8-59.
- \* Helena Maria, 1.ª filha de Maria Eduarda Fonseca Magalhães da Costa, a 16-9-59.
- \* Gabriela Maria, 1.ª filha de Maria Helena Rocha Ferreira Figueira, a 29-11-59.
- \* Jorge Manuel, 1.º filho de Maria da Graça Godinho Seabra Freitas, a 27-2-60.
- \* Teresa Maria, filha de Ana Maria Magalhães e Menezes de Seabra Van Zeller.
- \* Isabel Maria, 1.ª filha de Maria Adelina Magalhães Marques de Aguiar, a 17-3-60.
- \* Maria, 8.ª filha de Maria Antónia Gama Rocha Moreira da Silva, a 23-3-60.
- \* José Manuel, 2.º filho de Maria Amélia Menezes Norton Archer, a 1-6-60.
- \* Manuel António, 1.º filho de Isabel Maria Pinto de Oliveira Ortigão de Oliveira, a 9-6-60.
- \* José Carlos, 1.º filho de Maria Manuela Neves Trigueiros Cunha, a 12-6-60.

- \* Albano, 1.º filho de Maria Manuela Kendal Magalhães, a 18-6-60.
- \* Maria Teresa, 1.ª filha de Ana Maria Mendonça Torres Carneiro Pacheco, a 27-6-60.
- \* Isabel Maria, 1.ª filha de Margarida Maria Neves Trigueiros de Sousa Pinto, a 21-7-60.
- \* Luís Miguel, 1.º filho de Joana Maria Brito e Cunha Álvares Ribeiro, a 17-7-60.
- \* Rui Manuel, 2.º filho de Maria Zulmira Cunha Poinhos Vicente, a 13-7-60.
- \* João Paulo, 4.º filho de Maria Manuela Rosas da Silva Libano Monteiro, a 6-7-60.
- \* Gonçalo Miguel, 1.º filho de Antónia Bacelar de Sousa Machado Bettencourt, a 26-8-60.
- \* Maria José, 1.ª filha de Guilherme Menezes de Lacerda Gouveia Cardoso, a 9-10-60.

### BRAGA (COLÉGIO) CASAMENTOS

- \* Maria Helena Carvalho Fonseca, com António Brandão, a 18-4-60.

### AVEIRO (COLÉGIO) CASAMENTOS

- \* Gracinda Cândida Valente, com David da Silva dos Anjos, a 27-8-60.

- \* Maria Otília Nunes Filipe, com Valdemar Cravo Cruz, a 28-12-58.
- \* Maria Ferreira Pericão, com Manuel Gonçalves Pericão, a 19-10-58.

### LISBOA (LAR) CASAMENTOS

- \* Maria Elvira Catarino Simão, com António Brás Frade Henriques Barata, a 18-4-60.
- \* Izilda de Jesus Catarino Simão, com Carlos da Silva Caldas, a 15-8-59.
- \* Maria Constança Rodrigues Cano, com Norberto José Coelho, a 19-9-60.
- \* Maria Helena Pascoal Rosado, com Domingos Pedrosa, a 7-8-60.
- \* Maria Clara Soares, com Manuel Tavares da Silva, a 17-9-60.
- \* Orlanda Maria Ramos, com Orlando Nunes da Costa, a 1-9-60.
- \* Maria Valentina Garcia, com José Ricardo Ferreira, em Janeiro de 1960.
- \* Adelaide Maria Sá Cruz, com Gustavo Cardoso Silva, a 4-9-60.
- \* Dulce Helena Rodrigues, com Amílcar da Silva Fonseca Gouveia, em Setembro de 1960.

### NOTAS (cont. da pág. 47)

- (1) Gomes Eanes de Zurara — **Crónica da Guiné**, Porto, 1937, vol. I, pág. 52.
- (2) *Ibid.*, vol. I, pág. 32.
- (3) *Ibid.*, vol. I, pág. 52.
- (4) *Ibid.*, vol. I, pág. 32.
- (5) *Ibid.*, vol. I, pág. 52.
- (6) Elaine Sanceau — **D. Henrique, o Navegador**, Porto, 1942, pág. 462.
- (7) Zurara — **Crónica da Guiné**, vol. I, pág. 62.
- (8) *Ibid.*
- (9) Elaine Sanceau — **D. Henrique, o Navegador**, Porto, 1942, pág. 462.
- (10) Zurara — **Crónica da Guiné**, vol. I, pág. 34.
- (11) *Ibid.*
- (12) *Ibid.*, págs. 34 e 35.
- (13) *Ibid.*, pág. 31.
- (14) *Ibid.*, pág. 35.
- (15) D. António Caetano de Sousa — **História Genealógica da Casa Real Portuguesa**, Coimbra, 1946, tomo II, liv. III, cap. III, pág. 59.
- (16) Zurara — **Crónica da Guiné**, vol. I, pág. 30.

- (18) D. António Caetano de Sousa — **História Genealógica da Casa Real Portuguesa**, Coimbra, 1946, tomo II, liv. III, cap. III, pág. 64.
- (19) Citado por Elaine Sanceau — **D. Henrique, o Navegador**, pág. 409.
- (20) *Ibid.*, pág. 31.
- (21) João de Barros — **Década I**, cap. XIV, pág. 66.
- (22) D. António Caetano de Sousa — **História Genealógica da Casa Real Portuguesa**, Coimbra, 1946, tomo II, liv. III, cap. III, pág. 62.
- (23) *Ibid.*, pág. 63.
- (24) A. Fontoura da Costa — **A Ciência Náutica dos Portugueses na Época dos Descobrimentos**, Lisboa, 1958, pág. 68.
- (25) Zurara — **Crónica da Guiné**, vol. I, págs. 32 e 34.
- (26) Zurara — **Crónica da Tomada de Ceuta**, cap. I, em que D. Henrique e seus irmãos se negam a ser armados cavaleiros apenas «pelo real nascimento».
- (27) D. António Caetano de Sousa — **História Genealógica da Casa Real Portuguesa**, Coimbra, 1946, tomo II, liv. III, cap. III, pág. 62.
- (28) Zurara — **Crónica da Guiné**, vol. I, pág. 54.

LAUS DEO  
ET MARIAE  
SUMÁRIO

Pág.

Editorial . . . . .	2
Páginas de Homenagem . . . . .	4
Os nossos pequeninos . . . . .	8
Uma grande Educadora — a Madre Gérard . . . . .	10
Um mês por Terras do Brasil, Margarida M.ª Gonçalves (Ass.ª Geral) . . . . .	11
Retrato da Virgem, Pio XII . . . . .	16
Curso para Religiosas Educadoras . . . . .	17 e 20
Prof. Eng.º Dr. Francisco de Paula Leite Pinto . . . . .	18
Novos Lares das nossas «Antigas» (Lisboa-Portalegre) . . . . .	24
Mãe — o teu Menino . . . . .	26
O Autêntico Condestabre, Manuel Simões, S. J. . . . .	27
Novos Lares das nossas «Antigas» (Porto) . . . . .	30
Poemas inéditos, Sophia de Mello Breyner Andresen . . . . .	32
As nossas Colaboradoras . . . . .	34
A Mãe, Dom Ramon Jara . . . . .	35
O Colégio da Miss Hennessey . . . . .	36
Colégio de N. Senhora do Rosário — Porto . . . . .	39
Poetisas nossas . . . . .	43
O viajante que andava em busca de Deus (Conto) M. Clara Koehler . . . . .	44
O Infante D. Henrique, Educador de Povos, M. da Assunção, R. S. C. M. . . . .	45
Irmãozinhos . . . . .	48
Pioneiras — Colégios de Espinho e Aveiro . . . . .	49
Colégio do S. Coração de Maria — Aveiro . . . . .	50
Retalhos da vida das nossas Missionárias . . . . .	54
Do Nosso Album . . . . .	56
Colégio Liceal de Quelimane . . . . .	58
Morrumbala — Terra de Promissão . . . . .	59
Novos Lares das nossas «antigas» (Lisboa-Guarda-Braga-Aveiro) . . . . .	62
Gurúé, Paraíso da nossa África . . . . .	64
Lisboa — Residência Universitária Feminina . . . . .	65
Coimbra — Lar Universitário . . . . .	66
Finalistas — Curso Superior, Liceal, Magistério Primário . . . . .	67
Noivas dos Lares . . . . .	68
Esperança . . . . .	69
Vida Colegial (Documentário) . . . . .	70
Missa Nova . . . . .	72
Lares (Viseu, Braga, Aveiro, Guarda) . . . . .	74
Noticiário . . . . .	75
Edições «Cormariae» . . . . .	81

Com Licença Eclesiástica

*Na capa: Imagem da capela do Colégio do S. C. de Maria — Lisboa, do escultor Euclides Vaz*

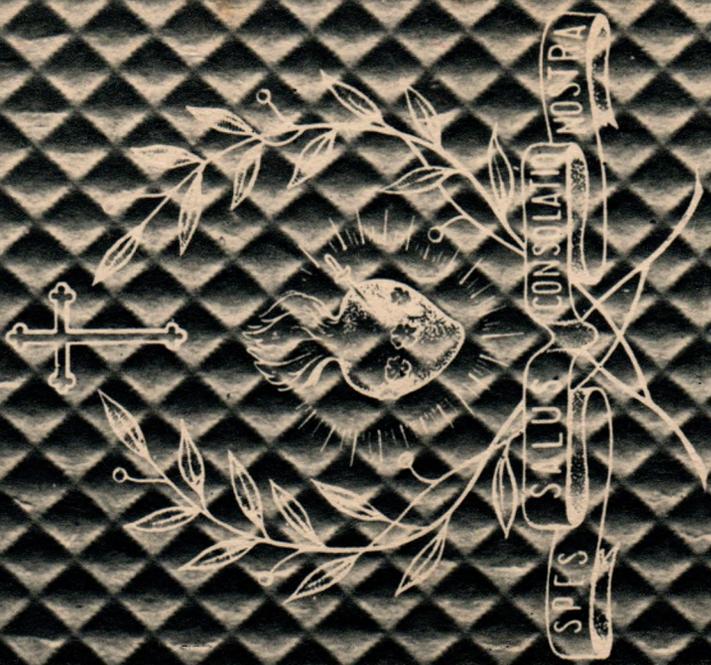
*Nas páginas 69 e 72, fotografias de Valadas*

**BIBLIOTECA DAS "FONTES"**

R S C M

PROVÍNCIA BRASILEIRA





Arg